

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIA HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO

ELISIANE MAFEZOLLI

FIOS DA MEMÓRIA: FILTROS PARA UM LUGAR DIGITAL DE MEMÓRIA DO
ACERVO FOTOGRÁFICO DA COLEÇÃO CÔNSUL CARLOS RENAUX

FLORIANÓPOLIS

2023

ELISIANE MAFEZOLLI

**FIOS DA MEMÓRIA: FILTROS PARA UM LUGAR DIGITAL DE MEMÓRIA DO
ACERVO FOTOGRÁFICO DA COLEÇÃO CÔNSUL CARLOS RENAUX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, - PPGInfo, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação, área de concentração em Informação, Memória e Sociedade.
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda de Sales.

FLORIANÓPOLIS

2023

Mafezolli, Elisiane

Fios da memória : filtros para um lugar digital de memória do acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux / Elisiane Mafezolli. -- 2023.

86 p.

Orientador: Fernanda de Sales

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação, Florianópolis, 2023.

1. Memória. 2. Fotografia. 3. Coleção Cônsul Carlos Renaux. 4. Lugar Digital de Memória. 5. Digitalização. I. Sales, Fernanda de. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação. III. Título.

ELISIANE MAFEZOLLI

**FIOS DA MEMÓRIA: FILTROS PARA UM LUGAR DIGITAL DE MEMÓRIA DO
ACERVO FOTOGRÁFICO DA COLEÇÃO CÔNSUL CARLOS RENAUX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, - PPGInfo, do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação, área de concentração em Informação, Memória e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda de Sales.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Fernanda de Sales

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membros:

Dra. Gisela Eggert Steindel (Membro titular interno)

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Dra. Paula Carina de Araújo (Membro titular externo)

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Dra. Daniella Camara Pizarro (Membro suplente interno)

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Dra. Renata Padilha (Membro suplente externo)

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Florianópolis, 10 de julho de 2023.

À sociedade.

AGRADECIMENTOS

Finalizando mais uma etapa em minha vida, alguns agradecimentos se fazem necessários. Sendo assim começo agradecendo aos meus pais por me permitirem vir ao mundo. Por nunca terem me proibido de fazer o que eu quisesse, por não terem me influenciado em seguir determinada carreira, deixando essa escolha somente a mim, e por terem comprado lá na minha infância, meu primeiro livro intitulado ‘Obrigada meu Deus’, que tenho até hoje e que mesmo não sabendo naquela época, mudaria minha vida para sempre.

Quero agradecer meu noivo por todo o apoio e compreensão, quando em alguns momentos precisei abdicar dos finais de semana para poder estudar.

Quero agradecer especialmente minha ‘chefa’ e amiga Carla, que sempre me disse “vai”, pois tudo isso começou lá em 2005, quando tive a oportunidade de estagiar onde hoje exerço profissionalmente minha formação.

Quero agradecer à UNIFEBE pelas oportunidades que recebo e pelas quais dou o melhor de mim. Agradecimento especial as professoras Camila da Cunha Nunes e Eliane Kormann, por me ajudarem com dicas e sugestões para este projeto. E também à professora Rosemari Glatz, que me assessorou nas questões históricas sobre Cônsul Carlos Renaux.

Agradeço do fundo do meu coração aos meus professores do Mestrado, que tanto me ensinaram no pouco tempo de aula que tivemos. Em especial aos professores Jordan Pauleski Juliani, Jorge Moisés Kroll do Prado, Julibio David Ardigo e Tânia Regina da Rocha Unglaub, que mesmo após o término das aulas, continuaram nos ajudando e incentivando nas submissões de nossos artigos.

Um agradecimento mais que especial as professoras Ana Maria Pereira e Paula Carina de Araújo, que viram no meu pré-projeto, potencial. Que o escolheram na seleção para este programa e que hoje, o finalizo. Agradecimento ainda a professora Paula que, juntamente com a professora Gisela Eggert Steindel, constituíram minha banca de qualificação e trouxeram sugestões e questionamentos valiosíssimos para a composição do meu trabalho.

À minha orientadora eu peço desculpas (hahahaha brincadeira). Professora Fernanda de Sales, você é uma das pessoas mais sensíveis que conheço. Obrigada pela orientação nesse um ano e meio, sempre com palavras gentis e calmas. Com olhar crítico e justo lapidou o texto ajustando as ideias que ali estavam. Meu muito obrigada!

Agradeço ainda aos meus colegas de turma de 2021.2, grupo que tem como lema “ninguém solta a mão de ninguém”. E também ao Grupo do Fundão: Dani e Rafa, ‘na alegria

e na tristeza, na saúde e na doença'. E Dani, amiga que o mestrado me deu, muito obrigada por todas as trocas de ideias, e que não foram poucas! Não só academicamente, mas pessoalmente, evoluímos juntas uma com a outra.

Todos vocês, com certeza, fazem parte do sucesso do meu trabalho.

E por último, agradeço a Deus, pois sem ele, nada disso seria possível.

Quando fecho os olhos e trato de visualizar arquivos, bibliotecas e museus como lugares de memória eu imagino massas de papel, acúmulo de objetos, livros nas estantes. Papeis, objetos e livros não é outra coisa que papeis, objetos e livros. Então, como se agencia a memória? Acredito que seja pela vontade da memória com que me aproximo dessas coleções. Mas como essa vontade se materializa? Isto é, como ela vem-a-ser? Em primeiro lugar, porque eu imagino que essas coleções devam guardar alguma coisa para permitir estabelecer através delas um vínculo de identidade com elas próprias, ou com um grupo. Dessa forma, esses conglomerados documentais, assim como o espaço que os abriga, representam um lugar e um tempo que me possibilitam criar uma identidade. Segundo, porque novamente esses conglomerados documentais, além do seu simples arranjo que já é uma narrativa, me permitem também enunciar outros discursos, quando me aproprio deles. Assim, eles me autorizam a contar uma história, que pelo fato de ser fundamentada neles, torna-se também memória. E, mais ainda, porque posso me apropriar deles não só para contar o passado, mas também para agir no presente”

(Eduardo Ismael Murguia, em entrevista à Solange Pultel Mostafa)

RESUMO

O estudo em tela tem por objetivo propor a tecitura de filtros para um lugar digital de memória condizentes com o acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux, importante industrial que, em 1892, construiu a primeira Fábrica de Tecidos em Brusque, tornando a cidade conhecida como o Berço da Fiação Catarinense. A pesquisa perpassa os temas memória e seus suportes, focando a fotografia como documento, objeto deste estudo. Aborda ainda as Bibliotecas, os Arquivos e os Museus como lugares físicos tradicionais em que a memória é salvaguardada, bem como os novos espaços constituídos, como os Centros de Memória, mais precisamente, o Centro de Memória UNIFEBE, que possui entre outras coleções, o acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux. Evidencia a digitalização de acervos e sua disponibilização de forma on-line, ou seja, em um lugar digital de memória, onde se faz presente a relevância do mesmo na preservação, disseminação e acesso a esses documentos. A pesquisa se caracteriza como bibliográfica e documental, descritiva e de abordagem qualitativa. Investiga e analisa sete lugares digitais de memória elegidos, apresentando em um quadro, os filtros e os recursos utilizados nesses ambientes digitais para a busca e recuperação dos documentos ali inseridos. Apresenta e descreve em um fluxograma as atividades exercidas no Centro de Memória UNIFEBE, a organização das fotografias do acervo em questão, seu acondicionamento, armazenamento, processamento técnico e classificação em uma tabela arquivística, elaborada de forma a contemplar os assuntos das imagens de forma macro, e posteriormente disponibilizadas no catálogo eletrônico (Pergamum). Intencionando um lugar digital de memória para além do catálogo eletrônico, houve a necessidade de detalhar de forma mais específica o conteúdo das fotografias da referida coleção e que contemplasse os assuntos para além da tabela arquivística. Essa análise resultou na elaboração de um quadro em que os assuntos listados são chamados de filtros. Por fim, considera que memória, digitalização e acesso, são partes da função social das Instituições, além de ser uma forma de perenização a memória. A disponibilização de maneira completa e organizada do conteúdo de documentos históricos, que no caso desta pesquisa são as fotografias, proporciona a qualquer usuário um vislumbre do que ele poderá encontrar, sem mesmo saber previamente, o conteúdo existente. E quando o usuário encontra o que procura, e aprende o que buscou, a disseminação e perpetuação do conteúdo se torna mais efetiva.

Palavras-chave: Memória; Fotografia; Coleção Cônsul Carlos Renaux; Lugar Digital de Memória; Digitalização.

ABSTRACT

The screen study has the objective of proposing the weaving of filters for a digital place of memories in accordance with the photographic collection Cônsul Carlos Renaux Collection, important industrialist who, in 1892, built the first Fabric Factory in Brusque, turning the city known into the Cradle of Catarinense Spinning. The research goes by the theme memory and its supports, emphasizing photography as a document, the aim of this study. It still approaches the Library, the Archives, and the Museums as traditional physical places in which the memory is safeguarded, in addition to the new constituted spaces, as the Centers of Memory, more precisely, the Center of Memory UNIFEBE, which possess among other collections, the photographic collection Cônsul Carlos Renaux Collection. It evidences the digitalization of collections and its availability in the online form, that is, in a digital place of memory, where it is present the relevance of itself in preserving, disseminating and access to these documents. The research characterizes itself as bibliographic and documentary, descriptive and qualitative approach. It investigates and analyzes seven selected digital places of memory, presenting in a chart, the filters and resources used in these digital environments for the search and recovery of the documents inserted in there. It presents and describes in a flowchart the activities evolved in the Center of Memory UNIFEBE. The organization of the photographs collection under consideration, its packaging, storing, technical processing and classification in an archival table, developed in a way of contemplating the subjects of the images in macro form and afterwards available in an electronic catalog (Pergamum). Having the intention of a digital place of memory beyond the electronic catalog, there was the necessity of detailing in a more specific way the photographs contents of the referred collection and that contemplated the subjects beyond the archival table. This analysis resulted in the development of a table in which the listed contents are called filters. Finally, it considers that memory, digitalization, and access, are parts of the social function of Institutions, apart from being an enduring way of memory. The availability of historical documents contents in a complete and organized manner, in the case of this study are the photographs, provides to any user a hint of what they may find, without even knowing previously, the existing content. And when the user finds what is being pursued, and learns what has been searched, the dissemination and perpetuation of the content becomes more effective.

Keywords: Memory; Photography; Cônsul Carlos Renaux Collection; Digital Place of Memory; Digitization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Carlos Renaux | 26 |
| Figura 2 - Assinatura da Constituinte do Estado de Santa Catarina | 27 |
| Figura 3 - Fábrica de Tecidos Renaux | 29 |
| Figura 4 - Parte do discurso de inauguração do Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux | 30 |
| Figura 5 - Instituições por posse, digitalização e disponibilização de acervo digitalizado para o público (%) | 44 |
| Figura 6 - Página do Brusque Memória | 51 |
| Figura 7 - Página do Brasiliana Fotográfica | 52 |
| Figura 8 - Página da Biblioteca Virtual Oswaldo Cruz | 53 |
| Figura 9 - Página da BNDigital | 54 |
| Figura 10 - Página da Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano | 55 |
| Figura 11 - Página da Library of Congress | 56 |
| Figura 12 - Página da The National Library of Israel | 57 |
| Figura 13 - Fluxograma de trabalho | 61 |
| Figura 14 - Mesa de digitalização | 62 |
| Figura 15 - Apresentação dos dados inseridos no Pergamum | 65 |
| Figura 16 - Palacete de Cônsul Carlos Renaux | 73 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Expressões de busca..... | 48 |
| Quadro 2 - Características e recursos dos lugares digitais de memória..... | 58 |
| Quadro 3 - Tabela de descrição arquivística adaptada ao acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux | 64 |
| Quadro 4 - Filtros para um lugar digital de memória do acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux | 67 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| | MEMORIAL | 14 |
| 1 | INTRODUÇÃO | 16 |
| 2 | CÔNSUL CARLOS RENAUX | 25 |
| 3 | FACES DA MEMÓRIA..... | 32 |
| 3.1 | A FOTOGRAFIA COMO SUPORTE DE MEMÓRIA..... | 34 |
| 3.2 | LUGARES FÍSICOS DE MEMÓRIA..... | 39 |
| 3.3 | LUGARES DIGITAIS DE MEMÓRIA | 42 |
| 4 | PERCURSO METODOLÓGICO..... | 47 |
| 5 | MEMÓRIA DIGITALIZADA..... | 51 |
| 5.1 | ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DA COLEÇÃO CÔNSUL CARLOS RENAUX | 60 |
| 5.2 | TRAMAS E DESENLACES..... | 65 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 75 |
| | REFERÊNCIAS | 79 |
| | APÊNDICE A: TABELA ARQUIVÍSTICA DO CENTRO DE MEMÓRIA UNIFEBE..... | 84 |

UM MEMORIAL PESSOAL - PROFISSIONAL

Nasci aos 16 de setembro de 1986, às 10h da manhã de uma terça-feira de inverno, na cidade de Brusque, Santa Catarina, no hospital que até então chamava-se Hospital e Maternidade Cônsul Carlos Renaux.

Pensando em tudo o que o passado sabe sobre mim, e o que eu sei sobre a lembrança mais antiga que tenho, esta, é de quando eu tinha cinco anos: em um dia nublado, em pé sob uma cadeira, soprei as velinhas do meu bolo de aniversário. É uma lembrança estática e preto e branco, porém, sei que a cor de minha roupinha é lilás.

Nessa época, morava em uma espécie de ‘fazendinha’, no bairro Santa Terezinha. Havia um pasto, bois, uma lagoa cheia de peixes, uma figueira, três pés de jaca e dois pés de abacate. Não havia crianças pequenas por perto e nem vizinhos, então, sempre brinquei sozinha, o que nunca foi um problema.

Morando com meus pais, recordo de minha mãe me ensinando o alfabeto em um quadro verde de giz, e de como meu pai, minha mãe e eu, saíamos para passear na moto de meu pai.

Lembro do primeiro livro que li na vida e que inclusive, tenho até hoje: “Obrigado meu Deus”. Esse livro foi o caminho sem volta do mundo dos livros e depois deste dia, perdi as contas de quantos livros já li em minha vida.

Recordo que os livros fazem parte da minha vida desde que eu tinha seis anos. Na época, quando comecei a ir à escola, era necessário levar um livro e foi justamente o “Obrigado meu Deus” que comprei. Não tendo condições de comprar outros livros, li esse até decorar.

Quando nos mudamos de cidade, mais um caminho sem volta me foi apresentado: a Biblioteca. Toda semana, eu ia com minha pequena bicicleta até a Biblioteca Pública trocar os livros que eu havia pego anteriormente e lido, por outros novos, a serem descobertos e devorados.

Quando voltamos para nossa atual cidade (mas não mais na ‘fazendinha’, que inclusive, já estava cedendo espaço para um outro tipo de construção), passei a frequentar a Biblioteca Pública daqui. Continuei a atualizar toda semana minha leitura e comecei também a me identificar com temas e escritores específicos: Stephen King, Biografias e Segunda Guerra Mundial, são algumas das preferências que tenho até hoje.

Nos anos finais da escola, começa-se a pensar “onde trabalhar” e “o que estudar”. Impulsivamente, já quis ser várias coisas mas nunca verdadeiramente alguma coisa. E é aqui

que começa uma parte particularmente extraordinária da minha vida. Extraordinária porque sinto que as coisas chegam até mim naturalmente, sem eu precisar busca-las: é como se as oportunidades ‘pipocassem’. Todavia, agarro-as e me dedico ao máximo.

Sempre amei História e foi para este curso que prestei o vestibular em 2004. Porém, o curso foi encerrado e tive duas alternativas: o dinheiro da inscrição da prova devolvido ou a escolha de outro curso. Havendo o curso de Filosofia, optei por encarar, até porque, era o mais ‘próximo’ do curso de História. E foi assim que, em 2005, ingressei como acadêmica de Filosofia no Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE.

Quando comecei as aulas, trabalhava em uma ótica há quatro meses. Porém, conseguir esse emprego, foi um tanto curioso: acompanhando uma amiga à entrevista da vaga em questão, e esperando por ela enquanto estava sendo entrevistada, me perguntaram se eu gostaria de fazer o teste também. Pois bem, já que lá estava, porque não? Resultado: eu passei e ela não. Para minha sorte, a vaga era para os períodos vespertino e noturno, o que me deixaria a manhã livre para a faculdade (sendo que, o curso de Filosofia, era somente no período matutino).

Terminado meu primeiro semestre, a filial da ótica onde trabalhava fechou. Foi me oferecido uma vaga em outra loja, porém não quis, já que os horários de trabalho chocavam com meu horário de aula. E eu queria estudar!

Menos de um mês depois, minha professora de Metodologia, disse-me que havia uma vaga para estágio na Biblioteca Acadêmica da UNIFEBE. Me inscrevi e passei! Foram dois anos inteiros mergulhada na maior biblioteca que já tinha visto na vida! Mas como nem tudo são flores, após esses dois anos, meu estágio acabou e tive que largar a faculdade, pois necessitava de outro emprego. E onde consegui? Na mesma ótica na qual eu havia trabalhado. Menos de um mês que havia saído da Biblioteca, a ótica me ligou oferecendo a vaga. Foram quase quatro anos atuando no comércio e resolvi sair. E de novo: menos de um mês de minha saída da ótica, surge uma vaga para técnico-administrativo na Biblioteca Acadêmica da UNIFEBE. E mais uma vez me inscrevi, e mais uma vez eu passei. A isto, somam-se pouco mais de 12 anos.

A UNIFEBE, está localizada no bairro Santa Terezinha, não só no mesmo bairro do qual tenho a lembrança mais antiga, como também, da ‘fazendinha’ onde eu morava. Em 2001, a UNIFEBE inaugura seu campus no bairro Santa Terezinha, no local onde antes era a ‘minha fazendinha’. A mesma que eu morei quando pequena. Costumo sempre dizer: trabalho onde já morei.

Essa volta à Biblioteca, me proporcionou novamente os estudos: enquanto trabalhava a tarde e à noite, cursei Administração pela manhã, entre os anos de 2012 a 2015.

Desde a época de estágio, sempre fui muito curiosa a respeito de todo o universo da Biblioteconomia, e isso só se intensificou quando retornei como colaboradora de fato. Durante muito tempo o curso de Biblioteconomia era ofertado aqui no estado, somente pela UFSC, o que o tornava inviável cursar. Porém em 2017, descobri que a Faculdade Claretiano, oferecia o curso na modalidade EAD, no qual me matriculei em 2018. Concluí o curso em 2020 e no início de 2021, tive a alegria de ter o cargo alterado para Bibliotecária. Me sinto até hoje, sortuda demais por trabalhar com o que gosto e no que sou formada. Nas palavras de um sábio escritor: “as pessoas me pagam para eu fazer o que gosto”.

Com a responsabilidade do cargo, veio a responsabilidade sobre o Centro de Memória, que até então, estava sendo constituído. Foi amor à primeira vista. Foi ali que pude pegar com as mãos a história e a memória. Como bem me disseram “toma que o filho é teu”. E foi o que fiz.

Sempre que descubro algo novo no meio dos velhos papeis, fotos, álbuns, entre outros, conto para o máximo de pessoas que consigo, porque eu quero que elas saibam o que vi.

E muito curiosamente, como nada é por acaso na minha vida, em 2021 ao abrir um *email* sem pretensão alguma, estava ali um banner do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação – PPGInfo, da UDESC, sobre o Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação, o qual possuía linha de pesquisa Informação, Memória e Sociedade. Sempre digo que este *email* surgiu inesperadamente. Faltavam 15 dias para o término das inscrições e logo pensei no Centro de Memória e no acervo do Cônsul Carlos Renaux. Resolvi escrever o pré-projeto e consegui enviar no prazo. O resultado?

10 de julho de 2023: Mestre em Gestão da Informação.

Dessa forma, não só esta pesquisa, como tudo o que aconteceu e que fez eu chegar até aqui, pode se resumir nessa estrofe:

This will be my monument

This will be a beacon when I'm gone

So that when the moment comes

I can say I did it all with love¹

¹ Trecho da música Monument, de Royksopp & Robyn. Tradução: Este será meu monumento. Este será um farol quando eu me for. Para que quando a hora chegar. Eu possa dizer que fiz tudo com amor.

1 INTRODUÇÃO

*“Todos são de algum lugar.
Todos temos histórias e nossas vidas
Se desenrolam em linhas tortas,
Colidindo de maneiras inesperadas”
(HAWLEY, 2017, p. 131)²*

Quando soavam os apitos das Fábricas Renaux, todos sabiam: iniciava-se mais uma jornada de trabalho para alguns, bem como, acabava-se mais um dia laboral para outros. Operários entravam e saíam de seus expedientes, contentes de que mais um dia havia sido adicionado à sua conta e orgulhosos de pertencerem à essa empresa pioneira no ramo têxtil em Brusque³, liderados pelo fundador, Carlos Renaux.

Pode-se chegar hoje a qualquer nativo do município de Brusque e perguntar pela Renaux: ou conhece alguém que lá trabalhou ou ele mesmo foi operário de uma das fábricas. Meu avô paterno, já falecido, teve a Renaux como primeira e última empresa em que trabalhou com carteira assinada. Meu pai conta que quando era pequeno, duas vezes na semana, meu avô, na medida do possível, trazia carne para casa, pois a empresa possuía uma pequena mercearia em que os operários podiam comprar mantimentos a preços mais baixos, sendo descontado depois no pagamento mensal (informação verbal).⁴

Para idealizar tudo o que conquistou e chegar onde chegou, o imigrante alemão, Carlos Renaux, saiu de seu país com 20 anos de idade, chegando ao Brasil somente com uma carta de recomendação de seu antigo emprego. Diversas foram as adversidades pelas quais passou, mas devido ao seu espírito empreendedor e criativo, ergueu seu patrimônio, tijolo por tijolo, tear por tear. O que o diferencia dos outros empreendedores é o fato de ele ter plena consciência de que seu caminho foi difícil, e que não conseguiu sozinho: foi com o apoio da sociedade que o reconhecia como alguém em quem podia confiar.

A empresa hoje está extinta, e o que restou foi a memória: a memória de seu idealizador; a memória dos operários das fábricas; a memória dos diversos edifícios ainda (bem!) em pé; e a memória registrada no acervo fotográfico que compõe a Coleção Cônsul Carlos Renaux, pertencente ao Centro de Memória UNIFEBE, localizado no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE.

² Hawley, Noah. **Antes da queda**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

³ Município do estado de Santa Catarina, mais precisamente no Vale do Itajaí. Possui quase 135 mil habitantes com área geográfica de quase 284,000 km².

⁴ Informação verbal do pai desta pesquisadora, referente às lembranças de quando esse, era criança.

A partir disso tem-se a memória como as lembranças de um passado, mas que ainda está em nossa mente, e como algo que se registra em algum suporte: o documento. Tanto um quanto o outro, fazem parte de nossa identidade cultural pois “A memória faz parte do Patrimônio Cultural imaterial, ao passo que os acervos documentais [...] também fazem parte desse Patrimônio Cultural na modalidade material, devendo ser acautelados e protegidos.” (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2021, p. 13).

Por Patrimônio Cultural, a Constituição Brasileira de 1988, em seu Art. 216, define:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (BRASIL, 2015, p. 126).

Percebe-se indiretamente com a definição supracitada, o quão importante e necessário torna-se o cuidado com os bens materiais e imateriais, que traduzem a cultura, os costumes e demais características daqueles que formaram nossa sociedade.

Para atingir o status de patrimônio cultural, o documento como meio de registro cultural, percorreu um longo caminho até ser considerado como tal. As formas de registro e os suportes utilizados pelos homens primitivos se modificaram na medida em que as transformações sociais ocorriam. Das pinturas rupestres ao papel, a sociedade foi compreendendo a importância de se constituir documentos para registro de suas atividades políticas, sociais, religiosas, entre outras (PAES, 1997).

Conforme a documentação foi tomando forma, esses documentos passaram a ter relevância histórica e começaram a ser armazenados em Bibliotecas, Museus e Arquivos. Documento então, passa a ser a memória do evento ocorrido (BACHIMONT, 2021).

Com o aparecimento de novas profissões e com a preocupação cada vez mais latente em salvar os registros de épocas passadas, foram criadas novas instituições além das tradicionais - Bibliotecas, Museus e Arquivos. Centros de Memória, Acervos Culturais, Centros de Documentação, Comitês, entre outros, e que muitas vezes se encontram em Universidades, se configuram como novos ‘lugares físicos de memória’, ocupados em manter e preservar documentos históricos.

Considera-se atualmente que o documento não é compreendido somente como aquele baseado na escrita textual: tecidos, discos, objetos, também são considerados documento⁵. Entre outros suportes ainda, a fotografia, que é o foco desta pesquisa, dentro da Coleção

⁵ No decorrer do texto, a palavra documento sempre irá se referir a qualquer tipo de suporte que contenha informação histórica.

Cônsul Carlos Renaux, também é considerada documento, pois pode conter informações valiosas sobre determinada época, como roupas, pessoas, construções e paisagens, além de ter a capacidade de despertar lembranças. E são por esses motivos que a fotografia assume seu valor documental, pois “[...] permitem a investigação de determinados elementos do passado através da utilização e da análise de um conjunto de imagens como fonte de informação.” (GOMES, 2015, p. 565).

Mais do que preservar e manter, é disponibilizar os documentos a toda comunidade, científica ou não, que se cumpre a função social dessas instituições. Segundo Paes (1997, p. 21) “[...] torna-se indispensável que os documentos estejam dispostos de forma a servir ao usuário com precisão e rapidez.”. O documento é fonte de informação, que deve estar acessível a qualquer momento e a quem desejar.⁶ Nesse ponto de vista, informação é caracterizada como “[...] um importante conceito que auxilia no cumprimento das funções sociais e culturais da instituição.” (PADILHA, 2014, p. 14).

Uma das formas de disseminação dessas informações é através da digitalização dos documentos. Digitalizar é converter documentos físicos para seu formato digital, e, segundo o CONARQ (2010, p. 4)

A digitalização de acervos é uma das ferramentas essenciais ao acesso e a difusão dos acervos arquivísticos, além de contribuir para a sua preservação, uma vez que restringe o manuseio aos originais, constituindo-se como instrumento capaz de dar acesso simultâneo local ou remoto aos seus representantes digitais como os documentos textuais, cartográficos e iconográficos [...].

Seguindo todas essas transformações, diversas instituições que possuem documentos históricos estão digitalizando seus acervos e armazenando-os em ambiente próprio, visando sua disseminação. Esses ambientes virtuais podem ter diversos nomes: plataformas, sites, repositórios ou portais. Digitalizando, essas instituições além de preservar os documentos, também oportunizam à sociedade o acesso a eles, pois

[...] a preservação e o acesso se apresentam como duas faces de um mesmo processo. Sendo assim, preservação sem acesso afasta-se da função social mais larga da memória, pois preservar é uma dimensão prática atrelada ao acesso e à racionalização da memória. (SIEBRA; BORBA, 2021, p. 25).

Ao contrário do que possa parecer, digitalizar não é um impedimento ao acesso a documentos físicos, muito menos, uma intenção de descarte, mas sim, uma forma de

⁶ Apesar da afirmação, tem-se ciência da existência de documentos sigilosos, o que não faz parte dessa discussão.

disponibilizá-los amplamente, desde que inseridos em plataformas, sites, repositórios ou portais acessíveis. É também uma maneira de os preservar de determinadas intempéries, pois, muitos documentos existentes nos locais físicos de memória estão altamente danificados por questões temporais, de mau acondicionamento ou pelo manuseio inadequado.

Sob esse aspecto, parte-se do pressuposto de que, pensar em um ambiente virtual que una registros de memória digitalizados e disponibilizados à comunidade, ou seja, um **lugar digital de memória**⁷, parece aproximar, mesmo que de forma não tão perceptível, tecnologia da personalidade. Nesse sentido, um lugar digital de memória age como um novo suporte de memória que, além de salvaguardar o documento em sua integridade, também preserva para que “[...] a voz do presente ecoe no futuro, para que nosso esforço atual encontre utilidade no desconhecido porvir.” (SIEBRA; BORBA, 2021, p. 25).

Para além dos diversos aspectos técnicos, que um lugar digital de memória precisa ter como hospedagem, linguagem de programação e diagramação, é necessário um *design* pensado para o usuário, que entre outros requisitos, tenha a facilidade na busca e recuperação do conteúdo, como os campos **filtros**. São estes que possibilitarão o pesquisador ou a comunidade em geral, encontrar quais documentos estão inseridos no lugar digital de memória, mesmo que eles (pesquisador ou a comunidade em geral) não saibam previamente quais documentos existam.

O Conselho Nacional de Justiça (2021, p. 13), garante que “O direito à cultura, indispensável para a dignidade e desenvolvimento da personalidade, está essencialmente relacionado à informação e a memória.”. Dessa forma, o esforço hoje, é preservar, manter e disponibilizar a memória em seus suportes, pois sendo parte intrínseca da formação de um povo, não contribuir com essas três prerrogativas significa colaborar para o esquecimento definitivo do passado.

Preservar a memória de uma sociedade é não perder as origens em que ela foi constituída e a manutenção do acervo documental é uma das formas de preservação dessa memória. Um documento é um registro da memória.

Entende-se dessa forma, um lugar digital de memória como mais um meio para a preservação dessa memória contida nos documentos, além de ser mais uma forma de acesso.

⁷ É importante mencionar que este trabalho se propõe a estabelecer critérios de armazenamento e busca (que ao longo do texto serão denominados filtros) de informações relacionadas às fotografias do acervo em questão. Estima-se, quando da constituição efetiva do lugar digital de memória, que as possibilidades alcançadas nesta pesquisa, possam ser adaptadas a outras tipologias de documentos.

E para ser efetivo nas suas funções, o conteúdo dos documentos deve estar disponibilizado adequadamente, ou seja, apropriadamente detalhado, em forma de filtros.

No mais, não se pretende aqui construir memórias, mas sim, dar o direito a quem interessar, de conhecer as já existentes. Mesmo sem essa pretensão apontada, sabe-se que como resultado, novas memórias podem ser formadas, o que nesse caso, é o processo natural do conhecimento. O passado só se mantém vivo através da preservação da memória. Enquanto alguém se importar, a memória permanecerá.

Com base no que foi exposto até o momento, nota-se que conforme o tempo passa e a sociedade se modifica, percebe-se uma via de mão dupla quando o assunto é preservação do patrimônio cultural: de um lado, o proprietário de determinado bem que deseja usufruir do mesmo, da forma que lhe convém, e de outro, a coletividade, que deseja vê-lo conservado e salvaguardado (TOMASEVICIUS FILHO, 2020). E é de uma parcela dessa coletividade que surgem as manifestações de preservação de instituições tradicionais, ou através dos novos lugares de memória. Todos esses espaços se adequam as formas usuais de preservação, bem como a digitalização. Digitalizar os documentos possibilita a salvaguarda da memória em meio digital e uma nova forma de acesso a esses documentos de forma remota, a qualquer tempo, a qualquer lugar, desde que o ambiente digital esteja disponível para a comunidade, científica ou não.

E estando os documentos digitalizados e acessíveis de forma on-line, faz-se necessário que a disponibilização dessas fotografias se apresente com a maior quantidade de detalhes possível, e que este ambiente digital seja desenvolvido de maneira a proporcionar os campos de busca e recuperação condizentes com as imagens ali inseridas.

A partir do exposto, faz-se o questionamento: como tecer **filtros** para um lugar digital de memória, condizentes com o acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux?

Em conformidade com o questionamento supracitado, elenca-se o **objetivo geral** dessa pesquisa, que nada mais é do que propor a tectura de **filtros** para um lugar digital de memória, que possibilite acesso ao acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux.

A pesquisa conta com quatro **objetivos específicos**, a saber:

- a) Apresentar um breve histórico da vida de Cônsul Carlos Renaux;
- b) Investigar a memória por meio dos seus suportes e lugares;
- c) Identificar e analisar lugares digitais de memória;
- d) Apresentar os filtros para acesso ao acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux.

O Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), é uma instituição de Ensino Superior localizada em Brusque, Santa Catarina. Atuante desde 1973, possui 25 cursos de graduação e 29 cursos de especialização em diversas áreas.

Através de um convênio firmado entre a Instituição e o Sr. Vitor Renaux Hering, tataraneto de Carlos Renaux e representante da família, em 28 de julho de 2017, a UNIFEBE passou a ser responsável pelos documentos da família Renaux (UNIFEBE, 2017). Esses documentos receberam o nome Coleção Cônsul Carlos Renaux, e estão hoje localizados no Centro de Memória UNIFEBE, espaço de memória dentro da Biblioteca Acadêmica Pe. Orlando Maria Mürphy.

Assim que esta proponente entrou em contato definitivo com o acervo em questão, e, sendo eles parte de suas atividades laborais, pode-se perceber que tudo o que se via estava cheio de histórias, e, conforme descobria suas tramas, havia a percepção de que todas as outras pessoas também deveriam ver o que se encontrava.

Mais do que preservar a memória, é a preocupação com o esquecimento que traz a necessidade de preservar e disponibilizar a informação para sociedade, como concisamente declara Dodebei (2014, p. 152):

[...] não é apenas a proteção de camadas de metadados que garante o acesso as informações que os objetos portam. A disseminação das informações, tal como um sistema viral, propicia a preservação de um dado conhecimento, considerando que, quanto maior for seu uso, maior será a probabilidade de garantir a sua lembrança.

Em conformidade com essa afirmação, a UNESCO, já em 1992, criou o Programa Memória do Mundo, tendo como objetivos assegurar a preservação do patrimônio documental, disponibilizar o acesso a esses documentos e disseminar a existência e a importância deles (ASCOM, 2017). Para o programa, o patrimônio documental deve ser preservado, protegido e acessível a todos, sem exceção.

A escolha do tema surgiu dessa inquietação observada no fato de que, a Coleção Cônsul Carlos Renaux, passando pelo processo de digitalização, estaria disponível somente no catálogo eletrônico Pergamum,⁸ e que em verdade, deveria estar acessível a todos de forma mais simples e fácil, em um ambiente digital que possibilitasse visualizar de maneira completa toda a Coleção, com filtros adequados à realidade dos documentos ali inseridos. Que essa coleção e todas as outras que vierem a compor o Centro de Memória UNIFEBE, possam ser apresentadas com a maior quantidade possível de detalhes, que enriquecessem a

⁸ Software específico da área de gerenciamento de bibliotecas, possuindo configuração condizente com a necessidade dos procedimentos necessários para o processamento técnico do acervo.

comunidade com informações relevantes à sua história e às suas raízes. Dessa forma, pensou-se em elaborar um estudo que verifique a composição de filtros para um futuro lugar digital de memória para o acervo, para que a busca e a recuperação das fotografias aconteça de maneira mais ágil e para que seu conteúdo seja melhor detalhado, além de, consequentemente, ser mais uma forma de preservação dos documentos.

Nesse sentido, considerando

a) a Ciência da Informação (CI) hoje

[...] mais atenta à complexidade dos fenômenos estudados, buscando ver a imbricação entre documentos (ou registros de conhecimento), mediações (tecnológicas, institucionais), e saberes (culturas, memórias, conhecimentos coletivos) [...] (ARAÚJO, 2018, p. 8).

b) o ponto de vista Ético, que denota que o ser humano tem a capacidade de compreender sua condição na história, na cultura e na sociedade e que também os valores morais e éticos variam com o espaço, tempo e interações entre pessoas, a memória social ou histórica se constrói nessas interações e, por sua vez, passam a ser registradas em documentos (CHAUÍ, 1997);

c) a relevância histórica própria que esses documentos possuem para a comunidade, científica ou não, no que se refere a formação da identidade de um indivíduo, de um grupo, de uma sociedade;

d) que os acervos são cheios de história, mas tão carentes de pessoas que se importam com eles; o trabalho

Justifica-se nas dimensões profissional, acadêmica, pessoal e social. Na dimensão **profissional**, justifica-se por evidenciar a atuação do bibliotecário e profissional da informação no auxílio da construção do Centro de Memória, na identificação, seleção e preservação da Coleção Cônsul Carlos Renaux, bem como na difusão e acesso dessas informações.

Ainda na dimensão **profissional**, a pesquisa proporcionou desenvolver as habilidades apreendidas na academia, não só pelo aspecto técnico, mas também, pelo humano e social, e entender que os profissionais da informação são a ponte entre a informação e as pessoas. Que podemos juntar retalhos e transformá-los em novos conhecimentos.

Encontro aqui, a base para a dimensão **pessoal** e **social** de minha justificativa. Nascer, crescer e se desenvolver em uma cidade e perceber que se conhece muito pouco sobre ela, mostra que nós mesmos somos relapsos quando o assunto é memória, e quando soa o apito

que nos faz perceber a lacuna existente, surge a inquietação e a ansiedade em responder questionamentos que até então eram irrelevantes. Dessa forma, devolver à sociedade o que é próprio dela, a aproxima de sua própria história, sendo que, o acervo em questão, possui importância não só regional, mas sim, para todo o país.

Justifica-se também pela memória do próprio imigrante e de todos os outros que deixaram para trás sua terra, em busca de algo melhor em um lugar desconhecido. Mesmo partindo do pessoal, a justificativa leva em conta o outro, o coletivo. É por, e para eles, que esta pesquisa está sendo realizada: é o retorno para a sociedade do que é próprio dela.

Informação, Memória e Sociedade são partes de uma trama só: que uma sociedade bem-informada preserva sua memória e que ninguém tem o direito de tirar isso dela. E é aqui que se alcança a justifica **acadêmica**. Tendo em vista a utilização crescente que a CI faz da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) para organização do conhecimento e difusão do mesmo, somado ao fluxo constante de documentos digitalizados, a CI vem se debruçando cada vez mais sobre os temas ‘memória’, ‘digitalização’ e ‘acesso’. Sendo assim, esta pesquisa visa não só o presente, mas também o futuro. São as ‘vontades’ do hoje que impulsionarão as ações do amanhã. Cada retalho é uma parte de uma composição maior, que se entrelaça conforme se tece a história e se cria a memória.

Para organizar o trabalho de forma a desenvolver a proposta, a presente pesquisa está tecida em seis seções, desfiadas em subseções. A seção atual, permite uma visão geral do trabalho através da **Introdução**, apresentando o tema, o problema da pesquisa, os objetivos geral e específicos e a justificativa de escolha do tema.

Para além da seção 1, a seção 2 intitulada **Cônsul Carlos Renaux**, apresenta brevemente a vida deste visionário, que ergueu um império e se tornou peça importante no desenvolvimento de uma cidade e que até hoje é lembrado.

A seção seguinte, **Faces da Memória**, perpassa o tema memória em seus variados suportes, dando destaque para a fotografia como documento e objeto desta pesquisa; trata dos lugares físicos tradicionais e dos novos lugares de memória, e dentro deste, o Centro de Memória UNIFEBE, que acolhe o acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux; e também aponta os lugares digitais de memória como mais um meio de preservação, disponibilização e acesso às memórias digitalizadas.

A seção 4, **Percurso Metodológico**, traz a forma como este trabalho teve seu referencial teórico desenvolvido, caracteriza a pesquisa, apresenta as técnicas de coleta e de organização dos dados estudados e mostra as características do produto final.

A seção subsequente, **Memória Digitalizada**, traz um quadro comparativo dos filtros e recursos levantados nos lugares digitais de memória examinados; descreve a organização e disponibilização da Coleção Cônsul Carlos Renaux no Centro de Memória UNIFEBE; e, demonstra quais filtros são condizentes com o acervo fotográfico em questão.

E para finalizar, a seção **Considerações Finais** traz as percepções e os resultados do trabalho.

2 CÔNSUL CARLOS RENAUX

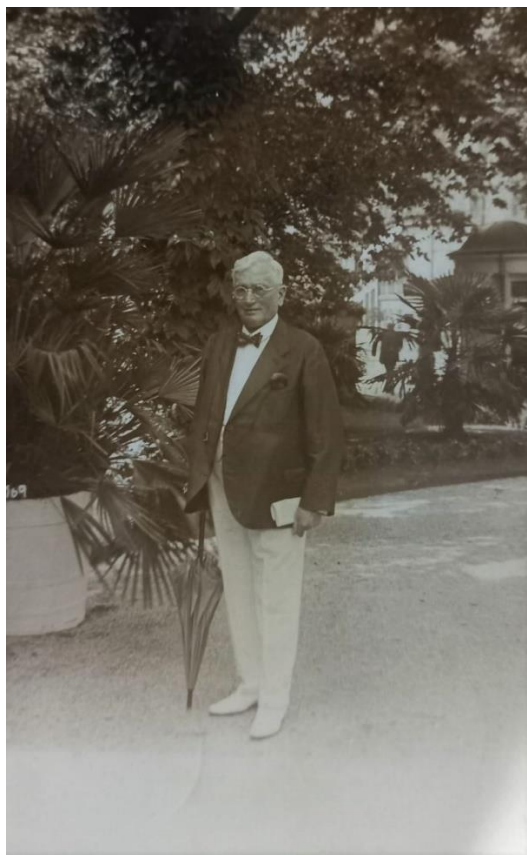
*A memória é a faculdade épica por excelência.
Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota
da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão.
A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras,
cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.
(BOSI, 1994, p. 90)⁹*

Diversas pessoas destacam-se na comunidade em que vivem. E o seu nível de importância torna-se tão grande que mesmo depois de sua morte, as pessoas lembram dela. E é exatamente sobre uma dessas pessoas que esta seção irá abordar.

Karl Christian Renaux, mais conhecido no Brasil como Carlos Renaux, nasceu em 11 de março de 1862, em Lörrach, Alemanha, no seio de uma família de classe média que possuía uma pequena hospedaria. Chegou ao Brasil Império em 1882, aos vinte anos, com uma carta de recomendação escrita pelo gerente do banco onde trabalhava. Sua primeira parada foi no Rio de Janeiro e em seguida, rumou à Blumenau - SC, iniciando sua carreira como caixeiro na casa comercial de Theodor Lüders. (RENAUX, 2010). E foi ali que conheceu sua primeira esposa, Selma Wagner, filha do colono pioneiro da região, Pedro Wagner, e com quem teve 11 filhos. Carlos Renaux casou-se ainda mais duas vezes. A Figura 1 mostra Carlos Renaux já na maturidade da vida:

⁹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Figura 1 - Carlos Renaux



Fonte: Centro de Memória UNIFEBE (2022).

Naquele tempo, era costume que, ao se casar, o noivo recebesse um dote em dinheiro. E foi com o dinheiro do dote de sua esposa Selma, que Carlos Renaux comprou a ‘venda’ em que trabalhava, já residindo em São Luiz Gonzaga, hoje, Brusque. O comércio de produtos coloniais Asseburg & Willerding, passou a ser de Carlos Renaux um ano após o seu casamento com Selma. Dono do empreendimento, ele implementou algumas mudanças comerciais no seu negócio: “[...] acabou com o sistema de troca entre colonos e vendedores e adotou a base da moeda corrente para grande parte das transações.” (GLATZ, 2018, p. 15).

Em 1889 foi nomeado ‘Agente do Correio na Villa de S. Luiz [Gonzaga]’, que mais tarde passou a se chamar Brusque.

Em 1890, começou a participar de eventos políticos. Sua primeira atuação foi como superintendente (prefeito) de Brusque, o que se repetiu mais duas vezes. Em 1891, participou da redação da primeira Constituinte do Estado de Santa Catarina. Sendo próximo à família de Lauro Müller, lutou a seu lado em prol da fundação do Partido Republicano, que acabou elegendo Lauro Müller como primeiro governador republicano catarinense e a ele mesmo como deputado da Primeira Assembleia Constituinte de Santa Catarina (GLATZ, 2018). Em 1893, lutou na revolta contra Floriano Peixoto e, também, foi um dos chefes locais na

Revolução Federalista (GLATZ, 2018). Acabou sendo preso, submetido ao Conselho de Guerra e condenado à morte por fuzilamento. Porém, seu rival político, Elesbão Pinto da Luz, interferiu, fazendo com que a sentença fosse anulada (GLATZ, 2018). Ele ainda integrou a Guarda Nacional, sendo nomeado tenente-coronel comandante do 7º Regimento de Cavalaria (GLATZ, 2018).

A pintura apresentada na Figura 2 representa a assinatura da Primeira Constituinte do Estado de Santa Catarina; Carlos Renaux está sinalizado atrás, e a esquerda, do personagem central:

Figura 2 - Assinatura da Constituinte do Estado de Santa Catarina



Fonte: Centro de Memória UNIFEBE (2022).

Devido as suas várias atuações políticas, e, por manter relações com a Alemanha, em 1922, no governo de Epitácio Pessoa, Carlos Renaux foi nomeado por este, Cônsul Honorário do Brasil em Baden-Baden, Alemanha (GLATZ, 2018). Sua maior função era auxiliar na transferência de imigrantes alemães para o Brasil, após o fim da I Guerra Mundial. Seu título o precede, e até hoje, ele é conhecido como Cônsul. Mesmo estando longe de sua empresa, ele se mantinha ativo nos seus assuntos empresariais, tendo seu filho Otto Renaux como encarregado, e futuro sucessor de seu legado.

E aos 11 dias de março de 1892, dia em que Carlos Renaux completava 30 anos, soa o primeiro apito, daquela que seria a empresa pioneira no ramo têxtil em Brusque: a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux. Mas ela só pode ser constituída devido a colaboração entre o sr. Renaux e os imigrantes originários da Polônia, conhecidos como os Tecelões de Lodz (GLATZ, 2018). Esses colonizadores, ao emigrarem para o Brasil, pensavam em constituir uma tecelagem, porém, não tinham recursos financeiros para tanto. Encontram em Carlos Renaux um investidor visionário que acreditou que a indústria têxtil poderia prosperar em terras catarinenses. Carlos Renaux e mais dois sócios apostaram os recursos financeiros, e os Tecelões de Lodz entraram com seu conhecimento na arte de tecer: surge assim, em Brusque, a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux (GLATZ, 2018).

Com o dinheiro conseguiram importar cerca de oito teares manuais que foram alocados junto à sua ‘venda’, no centro de Brusque (RENAUX, 2010). Esses teares, confeccionariam a história, não só da sua vida, mas sim, de toda a cidade.

Alguns anos mais tarde, em 1900, já com os negócios a todo vapor, foi necessário ampliar as instalações da empresa. Para tanto, Renaux recorreu a empréstimos, que lhe foram concedidos pela empresa Augusto de Freitas GmbH, de Hamburgo. Dessa forma, a pequena fábrica mudou de endereço, indo para um local mais amplo e que comportava seu inevitável crescimento, há 3 quilômetros do centro da cidade de Brusque: Av. Primeiro de Maio. Na mesma época, ali, foi instalada a primeira fiação de algodão de Santa Catarina e uma linha férrea de 3 quilômetros, que unia o porto fluvial do centro da cidade à fábrica (GLATZ, 2018).

Segundo Renaux (2010, p. 143), a fábrica

Era uma casa de dois pavimentos, construída de tijolos e cal, a parte central recoberta, o restante no estilo regional em enxaimel, com caibros e tijolos à vista, preparada com tinta preparada a base de barro, da qual adquiria a cor alaranjada, característica da fábrica [...]. Em cima fora instalada a fiação; embaixo, os teares, a tinturaria, a engomadeira e a urdideira. Em construções próprias a caldeira a vapor, a ferraria e uma oficina completa para conserto [...] foram erigidas marcenaria, olaria, estrebaria e instalada uma pequena horta. Em lote próximo à fábrica, construção foi feita para o abrigo dos primeiros operários, planejada para alojar sete famílias.

A Figura 3 a seguir, mostra parte da Fábrica de Tecidos Renaux, alguns anos depois de consolidada e já com instalações modernas:

Figura 3 - Fábrica de Tecidos Renaux



Fonte: Centro de Memória UNIFEBE (2022).

Pelo fato do maquinário utilizado ser importado, teve-se a necessidade de constituir oficina própria, que tanto reparava peças danificadas quanto fabricava as peças de reposição essenciais (RENAUX, 2010).

Além de suas fábricas de tecido, Renaux tinha a pretensão de expandir seus negócios para outros ramos. Enxergando o Vale do Itajaí como um possível ‘celeiro’ do Brasil, já possuía plantações de arroz e de cana, e tinha a intenção de desenvolver a pecuária e a indústria de derivados do leite (RENAUX, 2010).

Outro projeto era a exploração de jazidas de calcário na atual cidade de Botuverá¹⁰ (SC), região montanhosa com poucas condições para a lavoura, e de acesso restrito. Renaux apresentou o projeto ao governo do estado de Santa Catarina, que determinava, além da exploração das jazidas, a construção de uma estrada para o acesso à área (RENAUX, 2010). Dividiram-se as tarefas: Renaux construiria a fábrica; o Estado, a estrada. Apesar de todo estudo do solo e das condições excelentes para a exploração, não houve a contrapartida do Estado, o que levou a não concretização desse empreendimento.

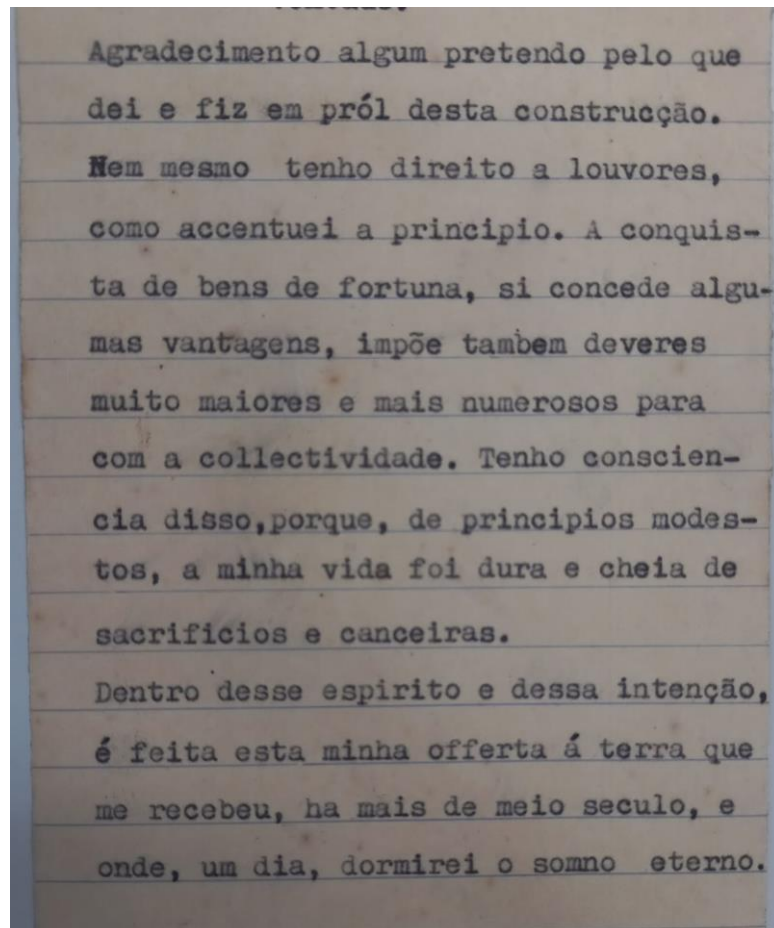
Uma das coisas que mais chama a atenção na sua história é o quanto ele era querido pelos operários e pelas pessoas da região. Em 1936, a família criou a Fundação Cultural e Beneficente Carlos Renaux, mais conhecida como Cultural, que financiava projetos na área social e cultural de Brusque e região. Via Cultural doou enormes quantias de dinheiro, e cedeu

¹⁰ Até 1962, a cidade atendia pelo nome de Porto Franco.

terrenos para construção de escola, hospital, e outros empreendimentos. Recebia diversas cartas de pessoas simples, pedindo auxílio para alguma questão particular, ou pedidos de emprego.

Por ocasião da inauguração da maternidade em Brusque (da qual a cidade carecia), construída com investimentos de Carlos Renaux para o pagamento da planta e materiais, proferiu discurso em que agradecia a homenagem pelo fato dessa maternidade receber seu nome. Em outra oportunidade, por ocasião da inauguração do Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux (conhecido como Hospital Azambuja), proferiu discurso emocionante, conforme Figura 4.

Figura 4 - Parte do discurso de inauguração do Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux



Fonte: Centro de Memória UNIFEBE (2022).

Renaux recebeu diversas homenagens não só ao longo da vida, mas também, no pós vida. Seu nome está imortalizado em um hospital, um colégio, uma avenida.

Em janeiro de 1945, em sua casa e rodeado da família, Carlos Renaux deixou de viver. Mas somente seu corpo físico extinguiu-se: sua memória (ainda) está viva, e assim deverá continuar.

Para a fábrica, o último apito soou em 2013, quando foi decretada a falência das Empresas Renaux. Durante alguns anos, os prédios permaneceram desativados e continuavam conforme o final de um dia laboral: a xícara sobre a mesa do escritório, o lápis para apontar, o tecido esticado no tear, esperando a volta da energia que continuaria a tecer a roupa que talvez, nós iríamos usar. A sensação era de ‘até amanhã’, mas esse amanhã, nunca chegou. Hoje os edifícios que ainda permanecem de pé abrigam outras empresas, outros produtos, outras memórias. Mas, lá, sempre será a Fábrica Renaux.

3 FACES DA MEMÓRIA

*There are places I remember
All my life though some have changed
Some forever not for better
Some have gone and some remain
(The Beatles)¹¹*

Passado, presente, futuro. Diferentemente do que podemos pensar, a memória não é só o **passado**: é **presente**, se considerarmos que no instante atual, no agora, novas memórias podem estar sendo criadas. Entretanto, só pensaremos dessa forma no **futuro**, pois lá na frente, olharemos para trás e a teremos como memória.

A memória pode ser entendida a partir de diversos campos do conhecimento, com cada um possuindo suas próprias perspectivas, bem como, dentro de cada campo, cada teórico pode ter seu próprio entendimento.

Inicialmente, diferentes possibilidades de definições da memória, podem sugerir que

[...] a memória não pode ser definida de maneira unívoca por nenhuma área de conhecimento. Mesmo no interior de cada disciplina, ela é um tema controverso [...] aloja uma multiplicidade de definições, provenientes de diferentes perspectivas e discursos [...] (GONDAR, 2016, p. 19).

O que o autor preconiza com a premissa supracitada, é a dificuldade em elaborar um conceito simples e unívoco de memória pois “A memória é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento.” (GONDAR, 2016, p. 19). Olhando sob esse prisma, a primeira impressão gerada é a contradição da memória: ou deveria ter determinada definição, ou deveria ter outra. Mas é justamente essa dualidade intrínseca que a identifica como memória, equilibrando os antagonismos e fazendo com que uma não exista sem outra.

Le Goff (2003) aponta que num primeiro momento a memória se apresenta como um conjunto de funções psíquicas. Para a Psicologia, por exemplo, há três distinções sobre a memória: a primeira distinção, diz respeito aos três estágios da memória: codificação, armazenamento e recuperação; a segunda distinção, trata das diferentes memórias para o armazenamento de informações de curto e longo prazo; e a terceira e última distinção, discorre sobre diferentes memórias que são usadas para armazenar diferentes tipos de informação (ATKINSON *et al.*, 2002).

¹¹ Há lugares de que me lembro, toda minha vida, apesar de algumas coisas terem mudado. Algumas para sempre, não para melhor. Algumas se foram e algumas permanecem. Trecho traduzido da música *In my life*, gravada pelos Beatles.

Na Neurociência, a memória é o processo pelo qual o conhecimento acerca do mundo, adquirido através do aprendizado, é codificado, armazenado e posteriormente evocado (KANDEL *et al.*, 2014).

Mas a memória não é somente entendida sob o ponto de vista neurofisiológico, puramente cerebral. Pensando nela sob a ótica humanista, de valorização do ser humano e suas origens, e que vem a ser esta a abordagem que essa autora pretende seguir, na Filosofia, por exemplo, a memória é percebida como a garantia de nossa própria identidade: do *eu*, reunido a tudo com o que fomos e fizemos, a tudo que somos e fazemos (CHAUÍ, 1997). Enquanto seres no mundo, possuímos a memória de nossas experiências e a de nossos antepassados, que refletem no que somos hoje.

Nesse sentido, aponta-se a memória individual e a memória coletiva. A memória individual traz o sentimento de individualidade. Quando recordamos algo, é porque estamos fazendo uso da nossa memória: *eu* estou recordando esse fato, que pertence a *mim*, mesmo que tenham sido compartilhados momentos com outras pessoas (MIRANDA, 2019).

Nossas recordações podem vir também das lembranças dos outros: em comunidade se reúnem lembranças e descrevem-se fatos comuns daquelas pessoas, e cada indivíduo colabora com sua própria recordação, trazendo particularidades esquecidas pelo outro, enriquecendo de detalhes essa lembrança (HALBWACHS, 1990). A essa ação conjunta denomina-se memória coletiva. É na memória coletiva que se constituem as práticas culturais e sua história, pois

[...] as memórias dos sujeitos, representadas tanto pela experiência de vida de pessoas comuns quanto pelo patrimônio material construído pelos atuais e antigos habitantes, constituem legado cultural significativo, indispensável, não somente as novas, mas a todas as gerações. Trata-se de elemento que constitui a nossa humanidade e que está ligado a possibilidade de narrar como forma de atribuir sentidos à nossa existência, de construir nossa identidade cidadã, base do desenvolvimento das coletividades e dos indivíduos (GOMES; NOVO, 2017, p. 61).

Mas, como as recordações surgem? A lembrança pode surgir de um gatilho. É a partir de uma música, uma palavra, um objeto, um cheiro, que se dá o *click* e recorda-se de coisas esquecidas. Uma fotografia, um encontro com alguém que há muito não se via, passar diante de uma construção significativa para o indivíduo em questão, são o suficiente para desencadear diversas lembranças.

As recordações são sempre acompanhadas por sensações e sentimentos únicos e exclusivos de quem lembra: nem sempre agradáveis, é verdade, mas nem sempre ruins. Um misto de emoções surge a cada recordação, nos faz viajar no tempo e reviver, na medida do possível, aquele momento.

Dessa forma, percebe-se que a memória está relacionada com o *tempo*. Ela é uma relação humana com o tempo, com o passado “[...] é o apanhado de registros que absorvemos ao longo de nossa existência e que deixa marcas em nosso corpo e na mente.” (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2021, p. 37).

Outros dois conceitos são relevantes para a discussão proposta neste trabalho: apagamento e esquecimento. Apagamento e esquecimento da memória são duas faces de uma mesma moeda: enquanto o apagamento é algo intencional em que alguém em sua vontade, tende a eliminar os rastros, o esquecimento, não é intencional: ele surge a partir da não-lembrança, ou, da morte de quem lembra.

A preocupação com o esquecimento remete intrinsecamente a necessidade de preservação da memória. Paul Ricoeur, pensador francês do século XX, discorre sobre o conceito de esquecimento entrelaçando-o ao conceito de rastro. Segundo ele, rastros são “[...] persistências das impressões primeiras enquanto passividades: um acontecimento nos marcou, tocou, afetou e a marca afetiva permanece em nosso espírito.” (RICOEUR, 2007, p. 436). São resquícios, de inteiro teor ou de partículas de alguma coisa sentida, vivida, que permanecem em nós. É a luta contra o esquecimento. E o esquecimento, por sua vez, é irremediável: é um bloqueio ao acesso à memória. Nas palavras do próprio Ricoeur (2007, p. 424)

O esquecimento não seria, portanto, sob todos os aspectos, o inimigo da memória, e a memória deveria negociar com o esquecimento para achar, às cegas, a medida exata de seu equilíbrio com ele?

Pergunto: qual então é a medida justa entre a memória e o esquecimento?

O apagamento é outra grave questão. A demolição de prédios, casas, monumentos que são memória e contam história, o descaso com o Patrimônio Cultural, a falta de manutenção dos edifícios, o desinteresse na preservação, são tentativas de apagamento.

Apagar é causar a eliminação de registros, resquícios, rastros. Apagar é tirar o direito das gerações futuras de conhecer determinada parte da história, grupo ou personalidade. Apagar é, sobretudo, tirar o direito do ‘fato apagado’ de ser conhecido e lembrado. É deixar vazio o espaço destinado a tudo aquilo que deixou de ser.

3.1 A FOTOGRAFIA COMO SUPORTE DE MEMÓRIA

Para manter viva a memória de um determinado grupo, pessoa, cultura, é preciso registrar e preservar esse registro. A memória não pode ser algo somente cerebral,

neurofisiológico: ela precisa de um suporte externo pois sem este, o passado não pode sobreviver (FERREIRA; AMARAL, 2008).

Com o passar do tempo e mesmo com as marcas que nossas lembranças deixam em nosso espírito, nossas memórias acabam sendo ofuscadas por outras memórias. O distanciamento com o passado ‘nubla’ a nitidez da lembrança específica. Halbwachs (1990, p. 81) argumenta que “[...] o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.”.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Simson (2003, p. 14) esclarece que sendo a memória a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado, essas experiências devem ser retransmitidas “[...] às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.).”.

Esse suporte de que tanto se fala é comumente chamado de documento. Segundo o Arquivo Nacional (2005, p. 73) documento é a “Unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato.”.

Documento, por sua vez, segundo Padilha (2014, p. 13) é

[...] qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação.

Nesta direção, Padilha corrobora com Bellotto (2006, p. 35) afirmando que, em sua forma genérica, documento é “[...] qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa.”. Dentro dessas formas de expressão, abre-se um leque de opções daquilo que se constitui documento

É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido [...] pela atividade humana. (BELLOTTO, 2006, p. 35).

Para Paul Otlet (2018, p. 17) a palavra documento propriamente dita, engloba “[...] estampas, peças de arquivos, documentos administrativos, discos, fotografias, filmes, imagens para projeção [...]”. Tudo que documentasse algo, que tivesse validade de comprovação, é considerado documento.

Um documento ainda pode ser caracterizado como documento histórico. Um documento é histórico a partir do momento em que se percebe seu significado e sua função sobre uma determinada época. A informação contida neles possui a memória de pessoas, de comunidades, de culturas “[...] documentos históricos são documentos que tiveram muita importância na história e que contenham fatos importantes.” (CARLI, 2013, p. 190). É essa simples definição que diferencia o documento histórico de outros tipos de documentos, como os administrativos.

Sendo assim, infere-se que documento histórico é qualquer objeto que possui memória como informação, pois os documentos “[...] são os produtos da memória social a partir do momento em que refletem as vivências, eventos e ações de um grupo ou sociedade.” (MOURA; CAMPOS, 2021, p. 9).

Ora, se documento independe de seu formato e suporte para conter informação, pode-se dizer que tecido também é documento. Ele traz em suas tramas a identificação dos teares que o confeccionaram, a época de sua fabricação e a indústria que o produziu.

Pode-se dizer também que, as pessoas que se encontravam aprisionadas nos campos de concentração e extermínio de Auschwitz, se constituem em documento daquele evento: elas também são os registros do acontecido, afinal

O corpo é lugar de inscrição de rugas, marcas adquiridas ou inatas, cicatrizes, incrustações, de memória cujo significado e produção cultural expande [...] o espaço por onde ele transita. (FERREIRA; AMARAL, 2008, p. 141).

São os sobreviventes que, em seus profundos relatos, podem descrever os acontecimentos pelos quais passaram, transformando suas memórias (e seus corpos) em documentos para a posteridade.

Uma fotografia também é um artefato de memória e um gatilho de recordações. Quando o observador tem em mãos uma imagem que o remete ao seu passado, uma multiplicidade de sensações e lembranças lhe invade “Pode chocar, divertir e instruir. Pode captar e provocar emoções, e registrar detalhes com precisão e velocidade.” (HEDGECOE, 2005, p. 7). É um registro do espaço/tempo: um recorte de um dado instante.

Surgindo por volta do século XIX, a fotografia é, por definição, uma técnica que consiste em criação de imagens, através da exposição luminosa, em que essas são fixadas em uma superfície sensível a luz (PALACIN, 2012). Nos dois séculos seguintes, incluindo a era atual, as técnicas e os equipamentos fotográficos se modificaram, mas o sentido continua o mesmo: o registrar.

Mas, assim como ‘a memória não é somente entendida sob o ponto de vista puramente cerebral, mas também pela visão humanista’, uma fotografia vai além do jogo técnico de luz e sombra. Para Kossoy (2012, p. 30) a fotografia é

[...] um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. [...] Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros [...]

A frase supracitada demonstra a forma como estamos ligados afetivamente com as fotografias. Em muitas delas, a pessoa revê pessoas queridas a ela, ou mesmo, se vê, numa representação de seu passado. Diante de uma imagem, a pessoa analisa e rememora seu passado, voltando no tempo e ‘revivendo’ aquele instante.

Ainda citando Kossoy (2012, p. 111-112), este traduz em um olhar sensível, a emoção que a fotografia pode oferecer

Existe melhor exercício para reviver o passado que a apreciação solitária de nossas próprias fotografias? A experiência visual do homem quando diante da imagem de si mesmo, retratado por ocasião das mais corriqueiras e importantes situações de seu passado, leva à reflexão do significado que tem a fotografia na vida das pessoas. Quando o homem vê a si mesmo através dos velhos retratos nos álbuns, ele se emociona, pois percebe que o tempo passou e a noção de passado se lhe torna de fato concreta. [...] Estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens [...] nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens [...]

Nesse contexto, a fotografia, é um importante meio de informação. A imagem capturada nos informa sobre indivíduos, acontecimentos, épocas, cenários e culturas, tornando-se um importante artefato de pesquisa. Nas palavras de Sontag (1977, p. 8) “As fotos são, de fato, experiência capturada.” E essa captura é fundamental na transmissão dos eventos de dado momento como revoluções sociais, tecnológicas, políticas, culturais e científicas, tornando a imagem um genuíno documento social (MALVERDES; LOPEZ, 2016).

Dessa forma, com a fotografia, é possível não somente admirar o passado, mas também em certo aspecto, pré conhecê-lo. Pré, porque ao ver uma fotografia em que nitidamente se identifica Carlos Renaux, por exemplo, podemos não saber em que contexto de sua vida essa fotografia foi tirada e assim, necessitaríamos investigar na busca de mais detalhes para construir o cenário do instante captado mas, já teríamos Carlos Renaux como pré referência para buscar outras informações da imagem.

É interessante pensar que ao olhar uma fotografia da qual o observador não teve participação naquele instante, podem vir à tona memórias não vividas e sensações distintas. Tomemos como exemplo uma fotografia antiga da cidade onde nasci: Brusque. A fotografia foi capturada em uma época em que nem meus avós, haviam se conhecido ainda. Mas, ao olhá-la, uma sensação de nostalgia, se assim pode ser denominada, cresce, e a imaginação flui para a vida daquela época. Nesse sentido, “A fotografia é apresentada como uma forma de conhecer sem conhecer [...]” (SONTAG, 1977, p. 68).

A fotografia torna possível lembrar de particularidades para além do que a imagem mostra, como: sons, falas, clima, e até cheiros, caraterísticos daquele momento. E é nesse contexto que ela pode ser concebida como memória, pois, ao ativar nossas lembranças, o que era captura estática de um dado momento, se transforma em um ‘filme’ em nossas cabeças.

Uma imagem que remete a uma lembrança, pode ainda trazer outras lembranças. Por exemplo, a foto da casa antiga onde se morou quando era criança, pode trazer a lembrança não só do tempo vivido lá dentro, mas também, das brincadeiras na rua ou da volta para casa depois da escola.

A fotografia não pode ser definida de uma só maneira: ela é um universo de possibilidades “[...] é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social.” (KOSSOY, 2012, p. 168).

Sendo assim, tendo a fotografia a capacidade de capturar um dado instante cheio de peculiaridades, e estes, permanecem ‘imóveis’ ao longo do tempo naquela captura, se consolidando dessa forma como registro para consultas futuras, a fotografia é traduzida então, em documento. É nessa visão que ela ganha status documental pois se consolida como objeto de informação e de pesquisa. Para Ariza, Tamayo e Echavarría (2017, p. 74), a fotografia atinge valor documental quando permite o observador compreender a realidade

Su valor documental reivindica la fascinación por salvar del olvido imágenes que desnudan la memoria de los acontecimientos [...] se consolida como una forma de resistencia contra la amnesia particular y colectiva que, reunida en álbumes, interroga la naturaleza de los recuerdos y posibilita el reconocimiento de acontecimientos singulares.

Nota-se que tanto a fotografia como todos os suportes até aqui mencionados, são objetos físicos de memória, que podem sofrer avarias, perdas ou qualquer outra adversidade que impossibilite sua integridade. A digitalização desses suportes surge como uma via capaz de transformar o documento físico em documento digital, e dessa forma, o documento

digitalizado passa a ser um novo suporte de memória, identificando-se como mais uma tentativa de preservar o suporte físico das intempéries, bem como resguardá-los de sua perda total¹².

3.2 LUGARES FÍSICOS DE MEMÓRIA

Paul Ricoeur (2007), descreve que a memória sempre deve ser exercitada, buscada e que se deve fazer algo com ela: é mais do que apenas lembrar, é fazer algo com essa lembrança. Diante dessa perspectiva, podemos inferir que só lembrar não basta: deve-se contextualizar a lembrança em um determinado tempo; registrá-la em algum suporte (documento); e disponibilizá-la de alguma maneira.

E sendo por esse e por outros aspectos que os registros documentais têm sua importância e que, devido ao seu conteúdo, precisam de lugares que os acolham. Pierre Nora (1993, p. 7) argumenta que “Há locais de memória porque não há mais meios de memória.” ou seja, é necessário constituir registros e construir espaços que abriguem os suportes de memória. A esses espaços construídos, Nora denomina “lugares de memória”. Os lugares de memória são, portanto, ambientes que “[...] se organizam para servir de apoio à salvaguarda da materialidade simbólica concebida como elemento de representação coletiva.” (SILVEIRA, 2007, p. 44).

Configuram-se dessa maneira, de forma física, as Bibliotecas, os Arquivos e os Museus. Esses lugares de memória tradicionais, foram erguidos primeiramente com o intuito de guardar toda essa ‘materialidade simbólica concebida’, ou seja, a salvaguarda dos registros deixados em algum suporte.

Com o Renascimento e o crescente interesse pela produção humana, surgem os primeiros tratados e manuais para a curadoria desses objetos acumulados nessas instituições. Esses ‘lugares físicos de memória’ têm, entre outras características

[...] a reunião, a preservação e a organização de arquivos e coleções [...] e de conjuntos documentais diversos [...] reunidos sob o critério do valor histórico e informativo, em torno de temas ou de períodos da história (CAMARGO, 1999, p. 50).

A partir disso, passou-se a tratar esses objetos com o interesse de guarda, preservação e disponibilização às gerações futuras.

¹² O tema digitalização será aprofundado posteriormente na seção 3.3.

Esses tratados e manuais descreviam

[...] regras de procedimentos nas instituições responsáveis pela guarda de obras, para as regras de preservação e conservação física dos materiais, para as estratégias de descrição formal das peças e documentos, incluindo aspectos sobre sua legitimidade, precedência e características. (ARAÚJO, 2014, p. 11).

Mas foi com as revoluções europeias e mais precisamente com a Revolução Francesa, que os Arquivos, as Bibliotecas e os Museus, sofreram profundas transformações. O nacionalismo passa a compor os Estados modernos e assim os Arquivos nacionais, as Bibliotecas nacionais e os Museus nacionais, ganham sua distinção: surgem as coleções; tem-se a aquisição e acúmulo de acervos; e, a necessidade de pessoal qualificado em cada campo, possibilitou o surgimento dos primeiros cursos profissionalizantes (ARAÚJO, 2014).

Já com a era Moderna e o pensamento positivista, nota-se distinção cada vez mais aparente entre os Arquivos, as Bibliotecas e os Museus, cada uma priorizando suas técnicas particulares de tratamento de seus respectivos acervos

[...] arquivologia como a ciência das técnicas arquivísticas (o princípio de proveniência, as tabelas de temporalidade, as regras de verificação de autenticidade de documentos); a biblioteconomia como a ciência das técnicas biblioteconômicas (os sistemas de classificação bibliográfica, as regras de catalogação); a museologia como a ciências das técnicas museológicas (regras de conservação, de inventariação, de expografia) (ARAÚJO, 2014, p. 16).

No início do século XX, as associações de classe intensificaram as ações de distinção entre esses profissionais. Porém, ao longo do mesmo século, transformações em diversas áreas como as sociais e políticas trouxeram novos elementos: o aumento da produção científica; o surgimento das tecnologias digitais e a interdisciplinaridade transformaram, também, a esfera de atuação dos profissionais Arquivistas, Bibliotecários e Museólogos (ARAÚJO, 2014). Bibliotecas, Museus e Arquivos que antes eram limitados apenas a conservação e pesquisa, tiveram suas funções alteradas de maneira que, hoje, a comunicação com o público tornou-se um dever (MARTINS; DIAS, 2019).

E são nessas transformações que surgem novos lugares de memória para os documentos, tais como Centros de Memória, Acervos Culturais, entre outros, que se tornam, impreterivelmente, lugares de patrimônio cultural. Mesclam-se, dessa forma, os espaços e as atividades, e o que antes era próprio de cada campo, passa a ser interdisciplinar “[...] um pouco museus, um pouco arquivos, um pouco bibliotecas [...]” (DODEBEI, 2011, p. 2).

Não se deslegitima, com isso, o trabalho próprio e específico de cada campo, pelo contrário, caracteriza a interdisciplinaridade entre os profissionais e indica os pontos de convergência, que são: a importância em preservar, manter e cuidar do patrimônio. A cada lugar de memória, faz-se necessária a atuação de profissionais especializados, e estes deverão se adequar, para atender as necessidades emergentes.

E é nesse sentido de interdisciplinaridade dos novos lugares de memória, que surge o Centro de Memória UNIFEBE. Sua trajetória começa em 1997 que, por conta do curso de História que havia na referida instituição, criou-se um projeto chamado Centro de Documentação Oral e Memória - CEDOM. Nele, diversos projetos foram executados como: levantamento da história dos bairros da cidade de Brusque bem como de algumas cidades do Vale do Itajaí; história dos Jogos Abertos de Santa Catarina – JASC; composição de materiais sobre a Segunda Guerra Mundial, entre outros.

Havendo a extinção do curso de História, o acervo do CEDOM ficou sob responsabilidade da Biblioteca, porém, sem continuidade dos projetos.

Quando em 28 de julho de 2017, firmou-se um Convênio Cultural em que Vitor Renaux Hering, tataraneto de Carlos Renaux, doou à Instituição todo o acervo de seu tataravô, que o Centro de Memória foi iniciado.

O Centro de Memória UNIFEBE teve sua inauguração definitiva em 30 de novembro de 2022, quando teve seu espaço consolidado dentro da Biblioteca Acadêmica. Porém, os ‘trabalhos’ com o acervo, já iniciaram em 2017, a partir de documentos guardados em caixas, pastas e arquivos, que compunham os diversos itens da coleção Cônsul Carlos Renaux.

Após alguns meses, as coleções pertencentes ao extinto CEDOM foram acolhidas pelo espaço, assim como, duas novas doações, também de extintas empresas da cidade, foram feitas. Hoje, somam-se sete distintas coleções abrigadas no Centro de Memória.

O Centro de Memória UNIFEBE conta com bibliotecário responsável por todo o espaço e processamento técnico e fotógrafo profissional para a digitalização de todo o acervo. Possui equipamento de digitalização, computador com programas próprios para conversão digital, insumos para acondicionamento dos documentos, mesas de higienização e um arquivo deslizante, além de mobiliário próprio para armazenamento dos documentos.

Os documentos históricos que compõe o Centro de Memória UNIFEBE, são: álbuns fotográficos, balanços, bolsas, cartas pessoais, cartas profissionais, cartões postais, CDs com entrevistas, CDs musicais, DVDs, discos, disquetes, documentos empresariais, documentos pessoais como carteira de trabalho e passaporte, escrituras, fotografias, indumentária de

guerra, jornais, livros, mapas, negativos, objetos tridimensionais, partituras, sapatos, quadros, tecidos, toalhas, e vestuário diverso.

Vale ressaltar que, apesar das diversas coleções e a variedade e volume de documentos existentes hoje no Centro de Memória UNIFEBE, priorizou-se num primeiro momento, o início do processamento técnico pelas fotografias da Coleção Cônsul Carlos Renaux. É relevante destacar que, a preocupação com a salvaguarda e preservação dos documentos pessoais e profissionais já era rotina do próprio Cônsul: diversos documentos do acervo foram levantados por ele. Posteriormente, sua bisneta, Maria Luiza Renaux, mais conhecida como Bia Renaux, ficou encarregada da salvaguarda. Com sua morte, o acervo passou para o seu filho Vitor, que posteriormente o cedeu à UNIFEBE.

Diante do percurso histórico, nota-se os lugares de memória como organismos vivos e em constante movimento e mudança, o que torna necessário, adaptar-se ao determinado instante. Dito isto, compreende-se que, cada esforço utilizado para manter, preservar e disponibilizar os acervos que esses ambientes possuem, é tarefa árdua.

Nesse sentido, fazendo uma analogia, a memória é como um animal ameaçado de extinção e, assim como diversas espécies precisam de parques nacionais para sua proteção, a memória também precisa desses lugares de preservação. Preservar a memória é garantir o conhecimento futuro. O lugar de memória, portanto, é uma manifestação de resistência às tentativas de não preservação da mesma.

3.3 LUGARES DIGITAIS DE MEMÓRIA

Conforme os avanços tecnológicos, aliados à interdisciplinaridade, perfilam os diversos campos do saber, novas maneiras de ampliar a difusão dos acervos existentes nos lugares físicos de memória surgem. Segundo Le Coadic (1999, p. 20), por meio das tecnologias eletrônicas

[...] as bibliotecas, centros de documentação, museus e instituições culturais, em geral, não podem mais ser apenas depósitos de livros, documentos, objetos e artefatos. Tornam-se depósitos de conhecimento sobre um assunto, um objeto, de respostas a questões, isto é, de entrepostos de informações. Melhor ainda, são verdadeiros meios de comunicação de informações, que atingem um número cada vez maior de pessoas.

Entende-se dessa forma que, os novos e os tradicionais lugares de memória, ampliam seus serviços, quando fazem uso de novas tecnologias a seu favor. Por meio dos atuais sistemas de comunicação de informação, torna-se possível, ter acesso a uma fotografia antiga

de uma determinada cidade, ou de uma construção que não existe mais, ou ainda, visualizar milhares de fotografias históricas na palma da nossa mão, em qualquer momento que quisermos.

Para tanto, tudo começa com a digitalização. Digitalizar é o processo de tornar o físico digital. Dodebei (2014, p. 148) em seus estudos, aponta “Publicar o conhecimento produzido pela humanidade é tarefa que nasce com a tecnologia da escrita.”, e, a partir disso, Almeida, Oliveira e Rosa (2019, p. 124) complementam “Com os progressos da memória escrita, os suportes continuaram até se renovar, até se tornarem acessíveis por meios eletrônicos, impulsionados pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.”.

Nora (1993, p. 15) argumenta que “A medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi.”. Refletindo sobre a declaração acima, entende-se que a ânsia por preservar vem, mesmo que não explicitamente apontada, do medo de perder quem somos. E sob essa ameaça do esquecer, apagar e destruir “[...] digitalizar parece ser uma ação capaz de salvar, de evitar a destruição e o apagamento de extensas coleções e acervos textuais, imagéticos ou orais.” (JORENTE; SILVA; PIMENTA, 2015, p. 128).

Mesmo sendo no contexto atual uma das formas de preservação de documentos mais viável, a digitalização, sozinha, não cumpre sua função social. Disponibilizar esses documentos para o público científico ou não, via *Internet*, é o que oportuniza de forma mais abrangente a disseminação dessas informações, democratizando o acesso para um maior número de interessados, pois “Por meio da disponibilização em plataformas digitais, amplia-se o acesso aos objetos culturais, até então restrito à visita ao acervo físico.” (MARTINS; DIAS, 2019, p. 1).

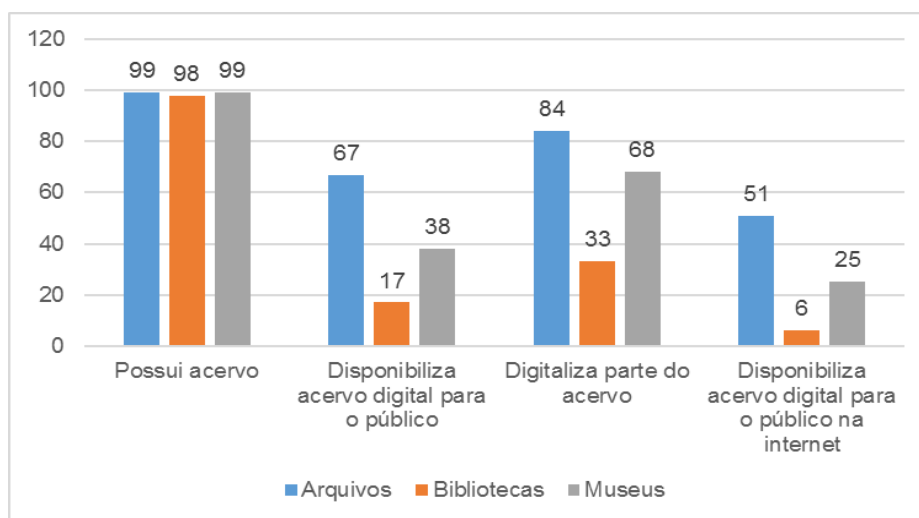
Concorda-se ainda com Martins e Dias (2019, p. 1), quando estes esclarecem que:

A digitalização pode proporcionar um universo de possibilidades, desde o acesso facilitado e instantâneo por mais de um usuário até a renovação de seus significados a partir da inserção de novos contextos, o que acaba por gerar interpretações e formas de utilização inéditas.

Diante dessa premissa, entende-se que, muitos lugares físicos de memória estão repensando suas atividades e se adequando aos novos recursos existentes e, a digitalização dos documentos ali armazenados, está se tornando uma prática cada vez mais comum.

Porém, mesmo com a técnica crescente, nota-se por uma pesquisa¹³ realizada em 2020 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Informação (Cetic), e publicada em 2021, que a digitalização de acervos, em especial em Bibliotecas, Museus e Arquivos, caminha a passos lentos, e que a disponibilização desses materiais digitalizados na *Internet* ainda tem uma longa estrada a percorrer, como exemplifica a Figura 5.

Figura 5 - Instituições por posse, digitalização e disponibilização de acervo digitalizado para o público (%)



Fonte: Adaptado de Martins e Dias (2021).

Percebe-se pelo gráfico que as Bibliotecas são as instituições que menos digitalizam e disponibilizam on-line o acervo de memória existente nelas. A pesquisa ainda contemplou bens tombados, cinemas, pontos de cultura e teatro, mas para esta dissertação, não foram levados em consideração. Centros de Memória, Arquivos Históricos e outros lugares físicos de memória, não foram considerados na pesquisa do Cetic.

Para tornar um documento digitalizado e disponível em um lugar digital de memória, necessita-se de certos investimentos como equipamento de captura de imagens, suportes de iluminação, programas de edição de foto e *backup*, além de um profissional especializado, entre outros. Todo esse investimento gera custo, e nem sempre há recursos disponíveis nas instituições para essa finalidade, o que pode ser um indicativo da 'lentidão' anteriormente mencionada.

Quando digitalizados, os itens recebem um código digital e são armazenados em HDs, *desktop* ou nuvem. Esse código digital, Bachimont (2021) denomina rastro: uma espécie de

¹³ Periodicamente, o Cetic realiza pesquisas que envolvem a presença das Tecnologias de Comunicação e Informação – TIC, nos equipamentos culturais brasileiros.

traço, manifestação, do objeto digital, que faz o pesquisador encontrar o que procura. O rastro nos aproxima novamente de Ricoeur (2007), pois para ele é o resquício, a impressão que ficou de algo vivido.

A partir dessas novas configurações, os documentos agora digitalizados, podem então ser disponibilizados em ambientes virtuais on-line como repositórios, plataformas, portais e sites. Segundo Silva e Silva (2004, *apud* JORENTE; SILVA; PIMENTA, p. 123):

Ambientes virtuais ou digitais são termos empregados para designar o lugar no ciberespaço para a comunicação, como disposto por intermédio de tecnologias de informação e comunicação, e que representa mais do que um meio de disponibilização da informação: representa um espaço social de trocas simbólicas entre pessoas dos mais diversos locais do planeta.

Compete dizer que um ambiente virtual, torna-se um espaço destinado a armazenar objetos digitalizados, e que, pela característica desse ambiente virtual, pode disponibilizar seu conteúdo on-line. Levando em conta que os objetos dos quais está se falando são documentos históricos, que possuem a memória como seu conteúdo, sob essa perspectiva, considera-se o objeto digitalizado como um novo suporte, uma extensão dos suportes físicos da memória, e que o ambiente virtual para o qual esses documentos serão armazenados e disponibilizados, podem ser considerados **lugares digitais de memória**.

Ressalta-se também que o indivíduo que acessar esses espaços, pode encontrar informações que até então desconhecia. Percebe-se dessa forma que há dinamicidade entre o observador e o observado: essa dinamicidade é a possível geração de novas memórias

É fundamental que as organizações culturais, que estão a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento e que desejam democratizar a informação que detêm, pensem a tela digital para além da sua materialidade, como um agente de conexão, capaz de intermediar o encontro entre acervos e pessoas. (MUSEU PORTÁTIL, 2022, p. 7).

Digitalizar e disponibilizar on-line esses documentos em lugares digitais de memória, para acesso livre, são mais duas tentativas de preservação da memória. Possibilitar o acesso a documentos tão relevantes, caracteriza a função social de uma Unidade de Informação: a difusão do conhecimento, pois

Arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus têm co-responsabilidade no processo de recuperação da informação, em benefício da divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico. (BELLOTTO, 2006, p. 36).

Vale ressaltar que a disponibilização on-line de documentos, precisa ser de fácil acesso e intuitiva. É necessário que o usuário, pesquisador ou comunidade em geral, encontre o que procura. Para tanto, a informação contida nos documentos precisa estar organizada de maneira lógica e adequada ao que se pretende apresentar, além de prever a utilidade dos itens para pesquisas educacionais, científicas, culturais, entre outras. No caso desta pesquisa, o foco são as informações impressas nas fotografias.

Segundo Wurman (1991, p. 66)

[...] se você tiver onde “pendurar” a informação, ela se tornará muito mais útil. Sua escolha será determinada pela história que quer contar. Cada forma permitirá uma compreensão diferente. Dentro de cada uma existem muitas variações [...]

Com base na perspectiva do autor supracitado, entende-se que a informação pode ser ‘pendurada’ em forma de categorias diversas. Nesta pesquisa essas categorias se constituem em **filtros** que têm como finalidade detalhar determinadas informações das fotografias. É uma forma de organizar de maneira hierárquica assuntos específicos em uma listagem simplificada, seja por nome pessoal, seja por localização, por data, ou outro filtro adequado.

Convém repetir que digitalizar não é impedir o acesso aos documentos físicos, e muito menos, descarte dos mesmos, mas sim, ser mais uma oportunidade de acesso e preservação. E, seguindo essa linha de raciocínio, concorda-se com Jesus, Soledade e Toutain (2018, p. 6109), quando estes argumentam de maneira sucinta, que a digitalização

[...] é contributo para ampliação do acesso, do conhecer um determinado objeto, do ponto de vista de sua representação, nesse caso, o digital. Ressalta-se [...] que esse processo não deve eliminar, nem ao menos reduzir a relevância do original, pelo contrário, reforça-se ainda mais a necessidade de ações de salvaguarda. Por mais que uma réplica seja perfeita [...] o original traz consigo características físicas e valores intrínsecos inalcançáveis.

Inclusive, tem-se ciência de que a tecnologia e seus dispositivos, tornam-se obsoletos com o passar do tempo e que “[...] transformar e/ou armazenar em formato digital e eletrônico [...] ainda não é garantia de perenidade.” (JORENTE; SILVA; PIMENTA, 2015, p. 128-129).

Portanto, acompanhar a tendência e a evolução das tecnologias da informação e comunicação, bem como, a preservação da memória, é um constante desafio frente as transformações decorrentes dessa dinâmica. Nesse sentido, todo esforço investido em desenvolver, adaptar ou melhorar recursos para estes fins, se mostra necessário.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

*A memória seria uma espécie de porto seguro
no qual seres humanos estabelecem
uma ponte estável com o passado,
sem perder a estrutura do tempo presente
(MELLO, 2021, p. 202)¹⁴*

Os aspectos metodológicos visam a organização e a seleção de procedimentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Descreve ainda as técnicas essenciais para o cumprimento dos objetivos e a resolução da investigação (PRODANOV; FREITAS, 2013). Sendo assim, torna-se pertinente descrever qual o percurso metodológico necessário atinente a esta pesquisa.

Tendo em vista a necessidade de traçar a maneira pela qual o referencial teórico foi construído, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa se caracteriza como **bibliográfica**. Foi a partir da contribuição de outros autores, que se pôde trabalhar nos temas específicos (SEVERINO, 2013), e, através de materiais como livros, *e-books* e artigos, deu-se o aporte teórico necessário para a fundamentação dessa pesquisa.

Muito da literatura encontrada, foi influenciada pelas demandas das aulas, no curso de Mestrado em Gestão de Unidades de Informação. Diversos materiais recuperados durante as disciplinas, foram aproveitados para a composição desta pesquisa. Vale ressaltar ainda que, a troca de experiências durante as aulas, possibilitou a permuta de informações e o auxílio mútuo na indicação de trabalhos afins.

A maior concentração de recuperação se deu de forma on-line, em artigos científicos, teses, dissertações e *e-books*. A busca por artigos científicos, ocorreu nos semestres 2021.2, 2022.1 e 2022.2, contemplando majoritariamente a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI, com um expressivo número de trabalhos encontrados e em menor plano a *Scientific Electronic Library Online* – SCIELO. A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, também apresentou resultados expressivos. Não houve recorte temporal. As expressões de busca utilizadas e seus resultados, estão apresentadas no Quadro 1 a seguir.

¹⁴ MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. Memória, saberes sujeitados e práticas oblivionistas dos povos indígenas. In: PIMENTA, Ricardo M.; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; RANGEL, Thayron Rodrigues (org.). **Informação e memória: perspectivas em movimento**. Rio de Janeiro: IBICT, 2021. p. 201-2017

Quadro 1 - Expressões de busca

| Expressões de busca |
|--|
| lugar digital de memória |
| espaço digital de memória |
| memória AND fotografia AND digitalização |
| espaço de memória AND digitalização |
| lugar de memória AND digitalização |
| centro de memória AND digitalização |
| memória AND digitalização AND fotografia |
| memória AND digitalização AND documento |
| acervo fotográfico AND digitalização |
| |

Fonte: A autora (2022).

Com os resultados obtidos, eliminou-se o que se repetia em mais de uma base, analisou-se o conteúdo para que este fosse pertinente ao tema foco da pesquisa, através do título, resumo e em alguns casos, no interior do próprio documento. Novas referências a partir dos trabalhos recuperados, também foram consultadas.

Quanto ao conteúdo em *e-book*, estes foram encontrados na plataforma Minha Biblioteca, além da ‘biblioteca pessoal’ aumentada ao longo do Mestrado, e compilada no Mendeley, gerenciador de referências que possibilita importar e acondicionar em um só lugar, documentos encontrados e baixados para o programa. O acervo físico, utilizado em menor escala, foi encontrado na Biblioteca da UNIFEBE.

A coleção Cônsul Carlos Renaux, hoje, encontra-se, além de seu formato físico, em processo de digitalização e disponibilização por meio do catálogo eletrônico Pergamum. Este *software* é específico da área de gerenciamento de bibliotecas, com a possibilidade de configuração condizente com a necessidade dos procedimentos necessários para o processamento técnico do acervo, mas que, do ponto de vista desta proponente, não atende as características fundamentais para se configurar como um lugar digital de memória, sendo apenas um recurso técnico e funcional.

Para então pensar em um ambiente digital que se configure como um lugar digital de memória, em que a busca e recuperação se dê de forma mais ampla e que vá além da disponibilização da ficha técnica do documento, foi indispensável a busca por lugares digitais de memória já existentes, e que, com isso, tornasse possível identificar quais elementos (que serão denominados neste trabalho como filtros) e recursos existem nos ambientes digitais encontrados. Esse levantamento realizado caracteriza os objetivos dessa pesquisa como **descritiva**.

A pesquisa descritiva, segundo Köche (2013), descreve a relação entre as variáveis manifestantes que perpassam os diversos assuntos abordados, que, no caso desta pesquisa, são as fotografias, a memória, a digitalização, a disponibilização do acervo em um lugar digital de memória e os filtros necessários para detalhar o conteúdo das fotografias disponibilizadas, o que possibilita o levantamento de informações sobre um determinado objeto, além de mapear suas manifestações e trazer familiaridade com o objeto pesquisado.

A busca concentrou-se dentro do site da Biblioteca Nacional, diretamente no buscador Google, e em conversas diretas com colegas Bibliotecários e outras pessoas ligadas a curadoria de acervos de memória.

Valendo-se da exploração dos lugares digitais de memória, o processo de seleção desses lugares foi intencional¹⁵, devendo atender alguns critérios de elegibilidade: (I) conter documentos fotográficos, de memória social; (II) as plataformas selecionadas ocupam posição estratégica na disseminação de conteúdo; (III) optou-se por não incluir *blogs*; (IV) os acervos tem relevância em diferentes partes do mundo.

Depois de realizada a busca e verificados os critérios, foram elencados 7 lugares digitais de memória, a saber: Brusque Memória¹⁶, Brasileira Fotográfica¹⁷, Biblioteca Virtual Oswaldo Cruz¹⁸, BNDigital¹⁹, *Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano*²⁰, *Library of Congress*²¹ e *The National Library of Israel*²².

Considerando que a pesquisa descritiva retrata características de um determinado objeto, fez-se uma ‘varredura’ nos lugares digitais de memória elegidos. Verificou-se os tipos de documentos existentes, os campos de busca, ou seja, os filtros disponíveis e recursos adicionais. Após exploração dos lugares digitais de memória, elaborou-se o Quadro 2 – Características e recursos dos lugares digitais de memória, com as características encontradas nesses lugares.

Tendo em vista que a proposta desta pesquisa é tecer filtros para o acervo fotográfico da Coleção Carlos Renaux, faz-se necessário também, compreender e descrever as etapas do trabalho desenvolvido no Centro de Memória UNIFEBE. Os processos realizados ajudarão a entender como as fotografias são trabalhadas, desde sua separação por temática, até seu

¹⁵ Vale ressaltar que, diversos outros lugares digitais de memória, se encaixavam nos critérios de elegibilidade. Porém, optou-se por apenas 7 deles.

¹⁶ <https://www.brusquememoria.com.br/>

¹⁷ <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/>

¹⁸ <https://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php>

¹⁹ <https://bndigital.bn.gov.br/>

²⁰ <http://www.iberoamericadigital.net/BDPI/Inicio.do>

²¹ <https://www.loc.gov/>

²² <https://www.nli.org.il/en>

armazenamento. O esquema de trabalho detalha ainda, a tabela de descrição arquivística adaptada à realidade do acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux, descrição que será peça-chave na elaboração da proposta de filtros para um lugar digital de memória.

Considerando ainda a análise que será realizada tanto nos lugares digitais de memória, quanto nas fotografias da Coleção Cônsul Carlos Renaux, entende-se que esta pesquisa também é de caráter **documental**. Considera-se documento qualquer informação sob a forma de imagens, textos, entre outros, correspondendo a coleta, a classificação, a seleção e a utilização de todas essas informações (FACHIN, 2006). É próprio também da pesquisa documental, analisar materiais que ainda não passaram por tratamento analítico ou que possam ser estruturados de acordo com os objetivos de casa pesquisa (PRODANOV, FREITAS, 2013).

Após os dados levantados a partir da ‘varredura’ realizada nos lugares digitais de memória e reunidos conforme Quadro 2 (que será apresentado na seção 5), haverá a necessidade de interpretá-los e desvendá-los. Essa interpretação será confrontada com a tabela de descrição arquivística (Quadro 3, que será apresentada na seção 5.1) adaptada à realidade do acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux, e posteriormente, unificados no Quadro 4 (que será apresentado na seção 5.2). Este, trará a proposta de filtros para o acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux para um lugar digital de memória, mais adequado à realidade e que supra as expectativas e necessidades do acervo fotográfico da referida coleção. Dessa forma, a abordagem utilizada foi a **qualitativa**, caracterizada pela construção das hipóteses por meio da compreensão, entendimento, análise e interpretação de comportamentos e atitudes pessoais (BAPTISTELLA *et al.*, 2011). Sendo assim, compreende-se a coleta de dados por meio do ambiente natural, enfatizando o objeto de pesquisa, analisando os dados a partir do confronto e aproximação entre os materiais coletados e o referencial teórico.

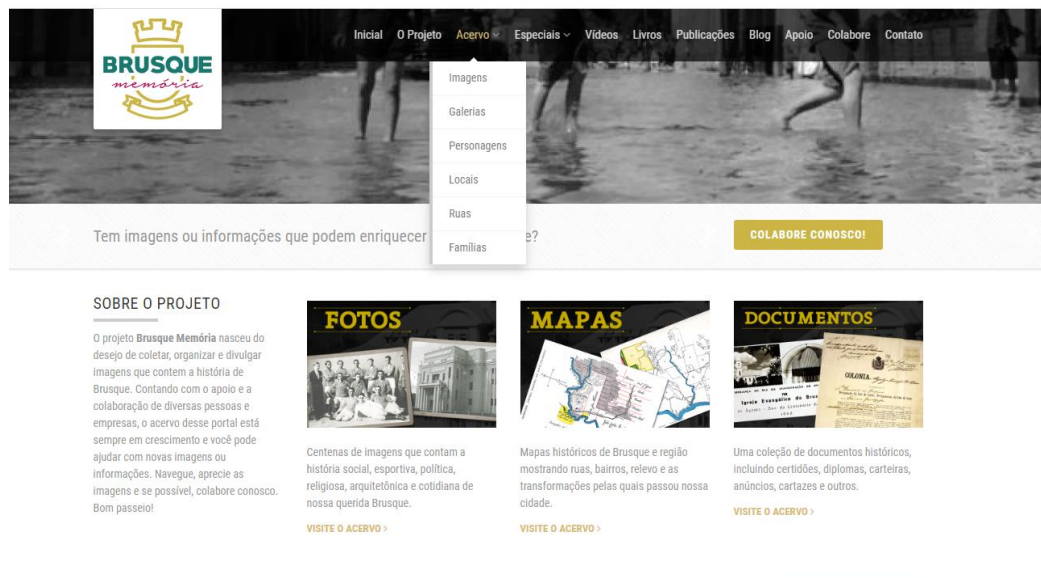
5 MEMÓRIA DIGITALIZADA

*A fotografia é então fonte de surpresa:
ela nos faz pensar e imaginar,
sonhar e ver; ela pode nos incitar a filosofar;
ela deve nos convidar à meditação.
(SOULAGES, 2010, p. 346)²³*

Na proposta desse trabalho entende-se o lugar digital de memória como mais um ambiente de salvaguarda, armazenamento e disponibilização de documentos históricos. Sente-se dessa forma a necessidade de apresentar alguns desses lugares digitais de memória que exemplifique a ideia até então apresentada, apontando seus recursos adicionais bem como por quais filtros se dá a recuperação das informações ali inseridas.

Chamo a atenção para um portal não institucional, criado por um civil, entusiasta da memória social: o Brusque Memória. O projeto, totalmente digital, possui fotografias, mapas, documentos em papel e vídeos da história da cidade de Brusque. Além do acervo pessoal do idealizador, é possível a qualquer pessoa, colaborar com imagens e informações para serem adicionadas ao site. Possui ainda a quantificação de imagens, locais e personagens cadastrados. A Figura 6, apresenta uma das páginas do Brusque Memória.

Figura 6 - Página do Brusque Memória



Fonte: Brusque Memória (2022).

²³ SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: SENAC, 2010.

O Brasiliana Fotográfica é um repositório que reúne, em seu acervo, fotografias que contam a história do Brasil. Desenvolvido em 2015 em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e o Instituto Moreira Salles, tem como objetivo promover o debate e a reflexão sobre os acervos ali digitalizados. Por seu caráter de repositório, o Brasiliana Fotográfica, reúne, além de seu próprio acervo, o acervo da Fundação Biblioteca Nacional, do Instituto Moreira Salles, da Fiocruz, do Museu Histórico Nacional, e, até o mês de abril de 2023, de mais sete Instituições. É permitido a qualquer Instituição que tenha documentos fotográficos da história do Brasil, vincular-se ao Brasiliana Fotográfica.

Na Figura 7 a seguir, tem-se imagem da página inicial do Brasiliana Fotográfica.

Figura 7 - Página do Brasiliana Fotográfica



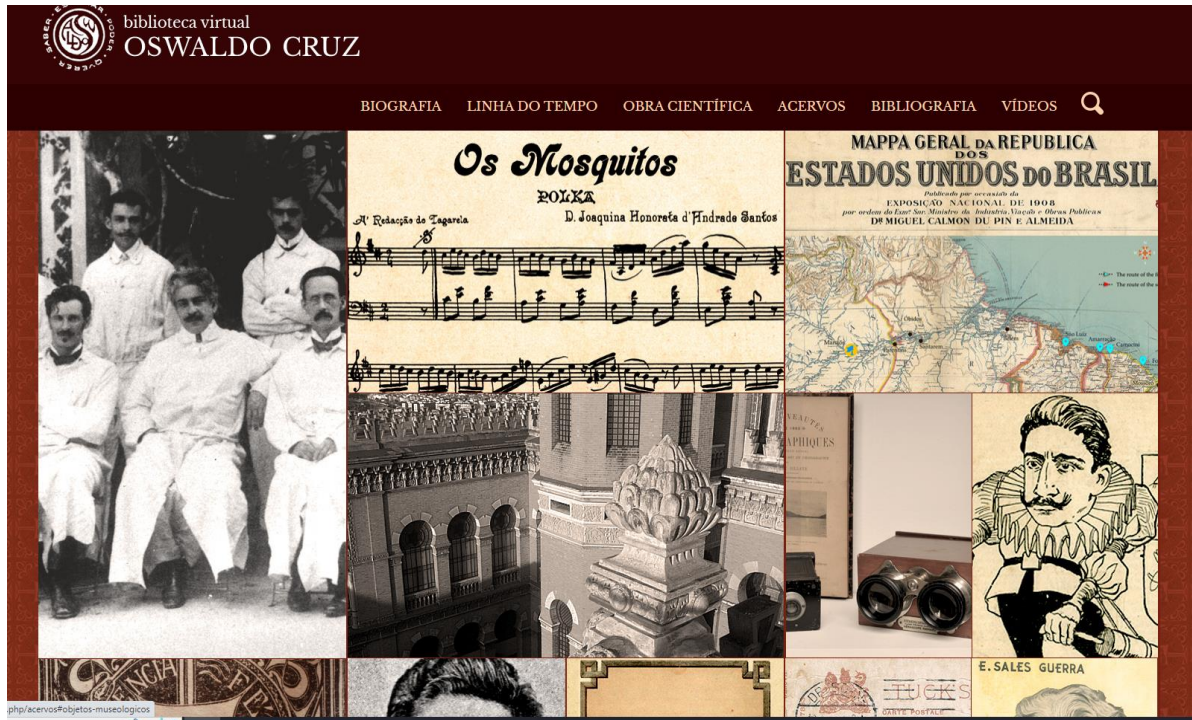
Fonte: Brasiliana Fotográfica (2022).

A Biblioteca Virtual Oswaldo Cruz é mais um exemplo de lugar digital de memória. Nela estão reunidos aspectos da vida do cientista (Oswaldo Cruz), com foco em sua trajetória profissional, contendo documentos históricos do seu acervo pessoal, da coleção bibliográfica (que não se encontra digitalizada) e objetos tridimensionais.

Ao acessar a página, é possível visualizar biografia, músicas, mapas, edificações, objetos tridimensionais, jornais e correspondências, e cada recurso, leva a mais conteúdo. O site conta também com uma linha do tempo de Oswaldo Cruz e vídeos sobre sua vida e obras.

Cada imagem digitalizada possui um texto explicativo sobre seu conteúdo. A Figura 8 a seguir, traz a página inicial da plataforma.

Figura 8 - Página da Biblioteca Virtual Oswaldo Cruz



Fonte: Biblioteca Virtual Oswaldo Cruz (2022).

Criada em 2006, a Biblioteca Nacional Digital – BNDigital, faz parte do projeto Fundação Biblioteca Nacional, com mais de 2 milhões de documentos digitalizados. Navegando pelo site, pode-se encontrar documentos cartográficos, iconográficos, manuscritos, periódicos, bibliográficos e sonoros da história brasileira, de domínio público, datados entre os séculos XV ao início do século XX. Como seus objetivos, a BNDigital pretende difundir as coleções existentes em seu acervo ampliando e democratizando o acesso e uso, ao mesmo tempo que promove a salvaguarda das coleções. É possível a qualquer pessoa que tenha acervo digital de interesse para a memória brasileira, disponibilizar na BNDigital. A Figura 9, ilustra a página inicial do site.

Figura 9 - Página da BNDigital

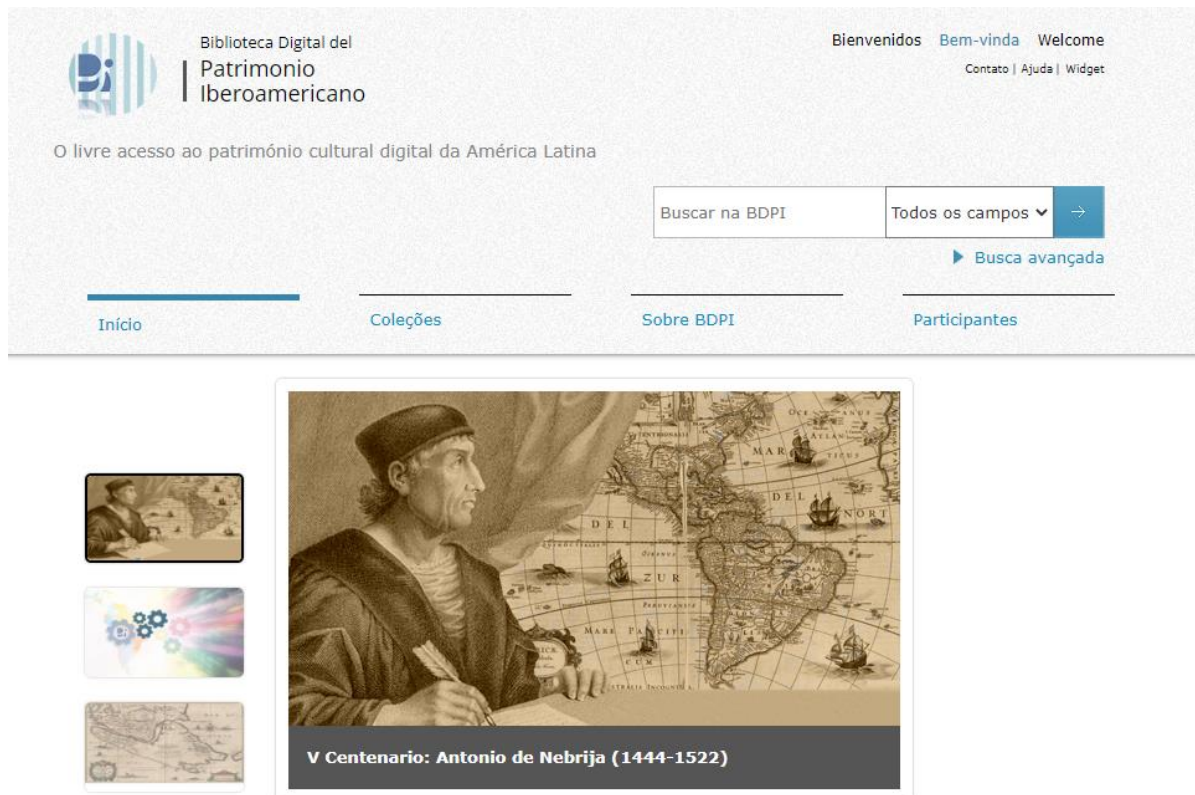


Fonte: Biblioteca Nacional Digital (2022).

A *Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano*, traz livre acesso ao patrimônio cultural digital da América Latina. É um portal criado pela Associação de Bibliotecas Nacionais da Iberoamérica, com finalidade de ser um ponto de consulta que permite o acesso as coleções de todas as bibliotecas participantes, que, até abril de 2023, somam 17 instituições parceiras. Seu objetivo é difundir o patrimônio cultural de cada biblioteca parceira, facilitando o acesso para o maior número possível de pessoas.

Na Figura 10, pode-se observar a página inicial da *Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano*.

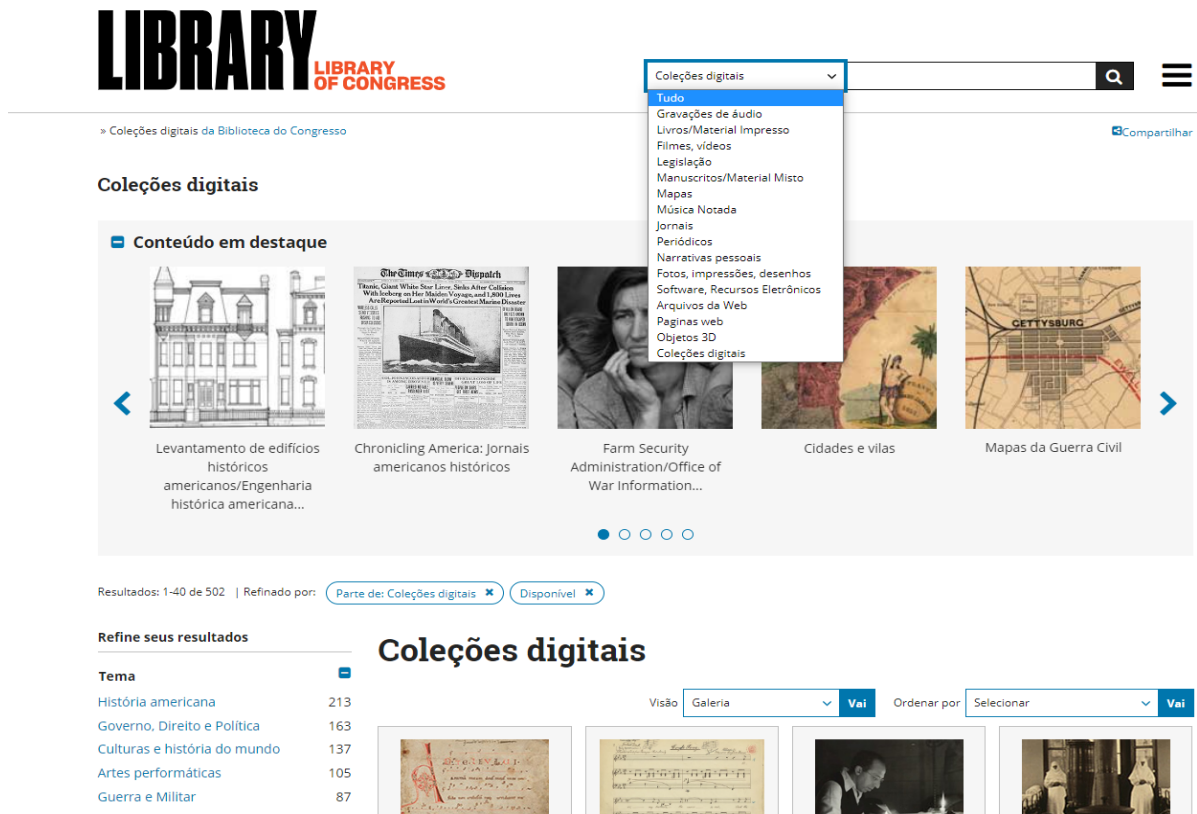
Figura 10 - Página da *Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano*



Fonte: *Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano* (2022).

A *Library of Congress* é tanto um lugar físico de memória, quanto um lugar digital de memória. Considerada a maior biblioteca do mundo, possui em seu acervo milhões de livros, filmes, vídeos, áudios, fotografias, jornais, mapas, manuscritos entre outros. Possui catálogo para busca de seu acervo físico, como também catálogo para suas coleções digitais.

A *Library of Congress* não se limita a história norte americana: seu conteúdo é multidisciplinar, abrangendo diversos idiomas. É possível encontrar mapas do relevo japonês, áudios de Vinícius de Moraes lendo suas obras, cartas de Abraham Lincoln, entre outros. Na Figura 11, é possível identificar a interface do site.

Figura 11 - Página da *Library of Congress*

Fonte: *Library of Congress* (2022).

Fundada em 1892, *The National Library of Israel*, tem como objetivo a preservação do pensamento e da cultura judaica. No início do século XXI, desenvolveu o Plano Diretor de Renovação e dessa forma vem digitalizando seu acervo, oportunizando o acesso gratuito ao público de Israel e de outros lugares, às suas coleções. Seu vasto acervo, conta com os mais diversos suportes, desde fotografias até manuscritos sagrados. A Figura 12, apresenta a página inicial da *The National Library of Israel*.

Figura 12 - Página da *The National Library of Israel*



Fonte: *The National Library of Israel* (2022).

Após a exploração desses lugares digitais de memória, identificou-se as características e os recursos funcionais que esses lugares apresentam. Verificou-se nos menus existentes, os filtros pelos quais é possível encontrar algum documento específico, além de outros possíveis recursos que os lugares digitais de memória podem oferecer.

O Quadro 2 abaixo, apresenta os filtros e outros recursos encontrados em cada um dos lugares explorados.

Quadro 2 - Características e recursos dos lugares digitais de memória

| Lugares digitais de memória | Filtros | Outros |
|--|---|---|
| BRUSQUE MEMÓRIA | Temáticas pré-estabelecidas como personagens, ruas, casas e famílias Imagens Galerias Ano Acervo Palavras-chave Anúncios, cartazes e similares Certidões e similares Jornais e revistas Mapas Objetos e documentos pessoais | Quantificação de imagens, locais e personagens cadastrados Descrição do projeto Contato Linhas do tempo de tema específico Colabore conosco Criação de conta |
| BRASILIANA FOTOGRÁFICA | Autor Data Assunto Local | Criação de conta Vídeo ensinando a pesquisar no site Objetivos Quem somos Contato Informações técnicas |
| BIBLIOTECA VIRTUAL OSWALDO CRUZ | Biografia Músicas Mapas Edificações Objetos tridimensionais Correspondências | Ao acessar os mapas, é possível clicar na rota e ter informações sobre o local Informações técnicas Contato |
| BNDigital | Hemeroteca Acervo digital Título Assunto Ano Autor Coleção Acervo | Auto contraste Acessibilidade Orientações de uso Perguntas e respostas Fale conosco Sobre a BNDigital Bibliotecas digitais pelo mundo Laboratórios |

| | | |
|--|---|--|
| <p><i>The National Library of Israel</i></p> | <p>Para cada um dos filtros, abre-se mais opções:</p> <p>Livros Fotografias Jornais e periódicos Manuscritos Mapas Gravações e músicas Notas Artigos e estudos Cartazes Arquivos Vídeos Piyutim e Tefillot (hinos litúrgicos)</p> | <p>Tradução do site A seu serviço Contato Criação de conta Quem somos Objetivos Depósito legal Projetos Comitês e departamentos História</p> |
|--|---|--|

Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Organizar os documentos históricos em um ambiente digital que, não tenha somente a função de manter e salvaguardar, mas sim, que também oportunize, dissemine e aproxime Informação, Memória e Sociedade, evidencia a função social que os lugares digitais de memória passaram a ter. Em um mundo onde cada vez mais as nossas memórias são de ‘stories de 24h²⁴’, perpetuar o passado, é lutar contra essa ‘liquidez’²⁵ que nos envolve.

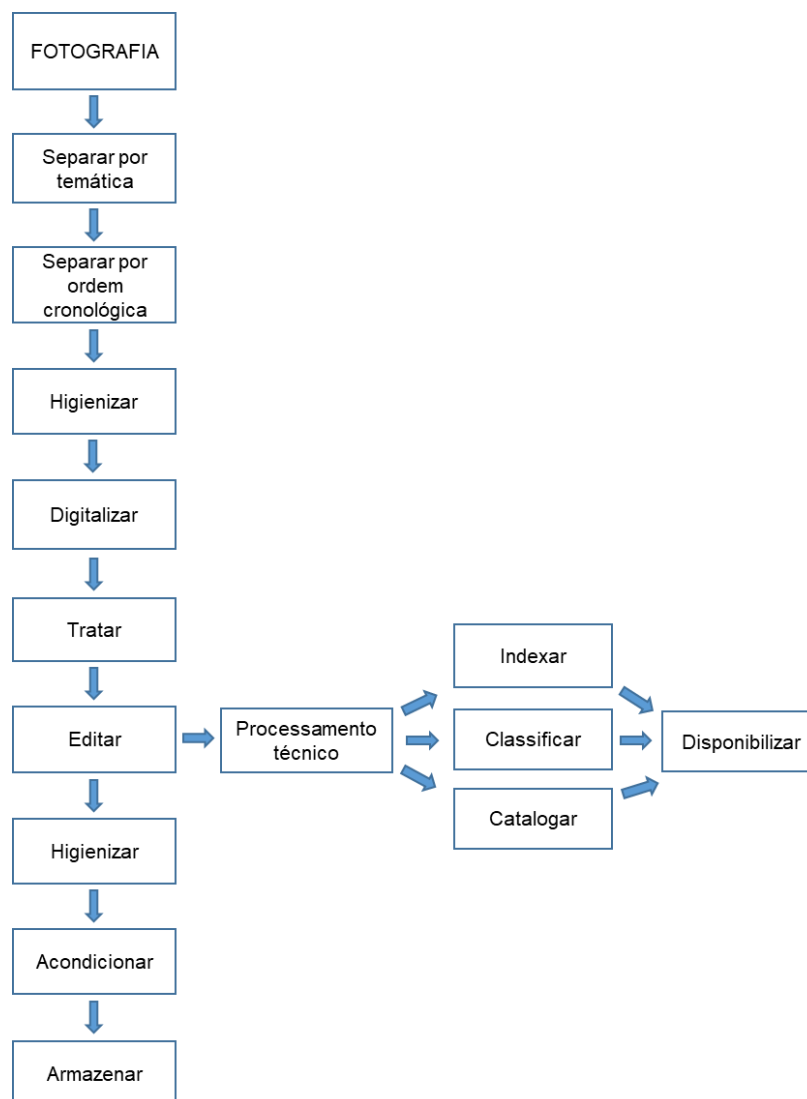
5.1 ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DA COLEÇÃO CÔNSUL CARLOS RENAUX

Tendo em vista que a coleção Cônsul Carlos Renaux, como já mencionado, teve seu processamento técnico iniciado pelas fotografias, torna-se necessário para compreensão e posterior análise, juntamente com o Quadro 2, descrever as etapas do trabalho desenvolvido. O Centro de Memória UNIFEBE possui um fluxograma de trabalho adaptado às suas coleções, o que possibilita visualizar cada um dos processos fundamentais de trabalho, desde o início, com a separação das fotografias, até seu estágio final, com o armazenamento. Essas etapas foram definidas pela equipe que atua no Centro de Memória, e ilustradas em um Fluxograma de trabalho, elaborado por esta autora, conforme Figura 13 abaixo.

²⁴ Recurso da rede social digital Instagram.

²⁵ Termo cunhado pelo filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman.

Figura 13 - Fluxograma de trabalho



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

O acervo de fotografias da Coleção Cônsul Carlos Renaux, ainda não possui quantificação exata de exemplares, porém, estima-se um montante entre 10 mil e 12 mil imagens avulsas, e mais ou menos mil fotos divididas em 12 álbuns. Estes álbuns permanecerão intactos, sem terem suas fotos tiradas deles, pois os mesmos, são confeccionados em materiais específicos, como o couro, tornando o próprio álbum um documento. As datas das fotografias, ainda que em muitas delas desconhecidas ou imprecisas, podem variar entre 1880 a 1990.

Primeiramente, as imagens avulsas foram separadas por temática, ou seja, agrupadas por semelhança: se é de algum evento específico, casas, pessoas, locais, entre outras. Posteriormente, e na medida do possível, separou-se ainda pela ordem cronológica, dentro de

cada tema. Essa separação possibilitou a adaptação da tabela arquivística, que será apresentada mais adiante.

Após separação, faz-se a primeira higienização da fotografia, para a retirada de qualquer sujidade que possa apresentar. Em caso de dobras, utiliza-se uma espátula de osso, para desdobrá-las. Feito isso, inicia-se a digitalização. As fotografias são apoiadas em uma plataforma própria, que consiste em uma mesa com um ‘pilar’ que, pode sustentar uma câmera fotográfica, de modo que esta fique estática, conforme Figura 14 abaixo.

Figura 14 - Mesa de digitalização



Fonte: Da autora (2023).

A imagem então, digitalizada e armazenada no *drive* (nuvem), passa por tratamento fotográfico mínimo, sem interferência em sua cor e aspecto, procurando deixá-la o mais fiel possível às características de seu formato físico. A imagem ganha ainda uma marca d'água, que a identifica como pertencente ao Centro de Memória.

Inicia-se assim, o processamento técnico. É nesta etapa que, literalmente, olha-se para a imagem e pergunta-se: “o que ela me diz?”, “o que eu vejo nela?”. Valendo-se da Representação Descritiva – Catalogação e do AACR2, para fazer o processamento técnico das fotografias, identifica-se as informações, à primeira vista, visíveis, correspondentes a ela como dimensão, cor, características sobre o estado de conservação do material, quantidade de

exemplares iguais existentes no acervo, entre outros. Feitas as descrições, as imagens são anexadas no catálogo eletrônico.

Alguns aspectos são inseridos na medida em que se identifica, o que muitas vezes, mantém-se sem informação. É o caso de data, local onde a foto foi tirada, identificação de pessoas ou lugares, e até título. A pesquisa sobre a imagem, nessa etapa, se intensifica: recorre-se a livros, sites, jornais e pessoas que possam ajudar com alguma informação.

Outra necessidade é pensar de que forma o interessado no acervo, encontrará o material. Chamados de pontos de acesso - palavras específicas que representam o conteúdo da imagem -, são inseridos no sistema e, por meio dos quais, um recurso é procurado e identificado (FENERICK, 2018).

A Representação Temática – Classificação, é realizada a partir da descrição arquivística, chamado ‘Local de guarda’. A tabela arquivística, segue as regras de descrição multinível da Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística - ISAD(G), que estabelece diretrizes para preparação e descrição arquivística das coleções (CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, 2000). Segundo a tabela, os itens, função/fundo, série, subsérie e dossiê, são preenchidos conforme necessidade do acervo, tornando-a flexível e adaptável para qualquer coleção. Composto por duas letras que representam a coleção em questão, mais um conjunto de 13 números, cada um dos números especifica um dado em uma tabela classificativa de assunto. Esta tabela é montada conforme o conteúdo das imagens vão sendo identificados, ampliando seus itens em qualquer nível, porém, vale destacar que quando fez-se a pré separação por temática das fotografias, outros assuntos para além dessa tabela que será exposta a seguir foram identificados e já adicionados a tabela original (Apêndice A). Mas para esta pesquisa, os assuntos foram restringidos às imagens já catalogadas e assim, a tabela foi adaptada, como está exemplificada no Quadro 3 abaixo.

Quadro 3 - Tabela de descrição arquivística adaptada ao acervo fotográfico da Coleção
Cônsul Carlos Renaux

| Função | Série | Subsérie | Dossiê |
|------------------------|--------------------|--|----------------------------|
| 01 Pessoal | 01 Pessoas | 01 Alemanha 02 Brasil | 01 Brusque |
| | 02 Eventos sociais | | |
| | 03 Patrimônio | 01 Casas | |
| | 04 Imagens locais | | |
| | 05 Família | | |
| 02 Profissional | 01 Patrimônio | 01 Fábricas | 01 Fecularia 02 Tecidos |
| | | 02 Navios | |
| 03 Pós-morte | 01 Funeral | | |
| 4 Instituições | 01 Religiosa | 01 Matriz 02 Luterana 03 Azambuja 04 Adventista | |
| | 02 Educação | | |
| | 03 Saúde | 01 Maternidade 02 Hospital Azambuja | |
| | 04 Entretenimento | | |
| | 05 Esportiva | | |
| | 06 Sindicato | | |

Fonte: Adaptada pela autora (2023).

É importante destacar que a tabela arquivística é para controle interno das coleções. O usuário que pesquisar uma fotografia por meio do catálogo eletrônico, não vai encontrar essa

tabela, somente a numeração dada conforme assunto da imagem, o que para ele, não terá significado. Em seguida, a imagem é inserida no catálogo eletrônico - Pergamum, estando pronta para ser localizada por qualquer usuário, como exemplifica a Figura 15 abaixo.

Figura 15 - Apresentação dos dados inseridos no Pergamum



| Dados do acervo - Foto | |
|---------------------------------------|--|
| Proteção legal: | Centro de Memória UNIFE |
| Local de guarda: | CR03.01.00.00.00004 |
| Título: | Cortejo fúnebre do Cônsul Carlos Renaux |
| Local: | Brusque |
| Laboratório de revelação fotográfica: | Foto Brasil Brusque |
| Ano da foto: | 1945 |
| Extensão: | 6 fotografias |
| Detalhes (color, P&B, etc.): | P&B |
| Dimensões (cm): | 9x13 cm |
| Técnica, material e suporte: | Papel fotográfico |
| Notas gerais: | Cortejo fúnebre do Cônsul Carlos Renaux pelas ruas da cidade de Brusque, seguido de familiares e amigos, na calçada de Rodolfo Pruner. |
| Notas gerais: | Cônsul Carlos Renaux morreu em 28 de janeiro de 1945. |
| Nota de conservação: | Bom estado de conservação |
| Palavras-chave: | Cônsul Carlos Renaux Detalhes |
| Palavras-chave: | Funeral Detalhes |

Fonte: Pergamum UNIFE (2023).

Feitas todas essas etapas, a fotografia física passa novamente pelo processo de higienização, onde retira-se as sujidades que ela possa apresentar. Feito isso, a fotografia é acondicionada em caixas álbum próprias para conservação, e posteriormente, armazenada em mobiliário próprio, o chamado arquivo deslizante.

5.2 TRAMAS E DESENLACES

Os lugares digitais de memória descritos na seção 5 possuem filtros para além dos necessários às fotografias, pois os mesmos, possuem outros tipos de documentos digitalizados, dentre eles, mapas, jornais, revistas e objetos tridimensionais. Porém, nesse momento, priorizou-se os filtros que condissessem com uma coleção fotográfica.

A tabela de descrição arquivística adaptada ao acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux, nos dá um vislumbre do conteúdo das imagens. A partir dessa pré-visualização pode-se entender quais filtros seriam importantes em um lugar digital de memória, para que as fotografias pudessem ser recuperadas por quem as esteja buscando.

Porém, levando em consideração que a tabela arquivística da Coleção Cônsul Carlos Renaux, apresenta a categorização das fotografias em sua forma *macro*, ou seja, genérica, certas especificidades dentro de um assunto tornam-se mais distantes de serem caracterizadas na tabela. A exemplo, tem-se as Personalidades. Cada personagem existente no acervo não foi listada na tabela em questão, pois foi acordado entre os envolvidos com as atividades do Centro de Memória, que não haveria a necessidade de tais detalhamentos.

Dessa forma, para especificar e detalhar as fotografias da coleção, foi necessária uma nova análise, com um olhar para além do que até então está descrito na tabela arquivística.

Devido a quantidade de fotografias ainda não processadas e mesmo todas já tendo sido previamente separadas por semelhança temática, seu conteúdo só é especificado na medida em que se faz seu processamento técnico. Sendo assim, tendo o tempo como fator determinante nessa análise, esta se deu através da pesquisa das fotografias já disponibilizadas no próprio catálogo eletrônico. Dessa forma, levantou-se o período de tempo entre a imagem mais antiga e a mais recente; listou-se todos os nomes de personagens identificados assim como ruas e bairros; dividiu-se os eventos sociais por seus respectivos acontecimentos; separou-se todas as casas e detalhou-se mais precisamente as respectivas instituições.

Nesse sentido, pensando no pesquisador que sabe o que procura, na comunidade em geral que pode não saber como pesquisar, e na própria coleção que precisa ser detalhada, um lugar digital de memória, precisa ter os filtros condizentes com a coleção disponibilizada. Quanto mais especificada for a coleção, melhor será a sua recuperação. Diversos desses filtros, inclusive, precisam estar preposicionados na página inicial, para que o próprio usuário consiga visualizar o que ele pode encontrar. Por isso, quanto mais organizados e detalhados forem os documentos ali inseridos, melhor será sua recuperação bem como, o entendimento sobre eles. E havendo essa absorção de conteúdo, a disseminação por parte de quem percebeu, também se torna mais efetiva.

Sendo assim, para ilustrar o que foi mencionado até aqui, o Quadro 4 abaixo, entrelaça os filtros dos lugares digitais de memória encontrados relevantes a um acervo fotográfico, com a tabela arquivística do Centro de Memória UNIFEDE, adaptada à realidade do acervo em questão, somados a nova análise das fotografias a partir do catálogo eletrônico - Pergamum.

Quadro 4 - Filtros para um lugar digital de memória do acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux

| Categorias de busca | Critérios A | Critérios B | Critérios C |
|----------------------------|---|---|------------------------|
| - Busca livre | | | |
| - Ano | - Mês | - Dia | |
| - Casas | - Hospedaria de Johann Ludwig Renaux - Palacete Renaux - Villa Alma - Villa Ida - Villa Maria - Villa Renaux / Villa Goucki - Villa Sophia | | |
| - Empresas | - Renaux - Tecelagem Roeder, Karsten & Hadlich | - Fábrica de Tecidos Carlos Renaux - Fecularia - Navios | - Cônsul Carlos Renaux |
| - Eventos | - 100 anos colonização alemã em Santa Catarina - Centenário 1960 - Centenário Schutzen Verein - Contrato Hotel Gracher - Enterro dos Ossos - Funeral | - Desfile de Moda - Desfile Cívico - Cônsul Carlos Renaux | |

| | | | |
|--------------------|---|---|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> - Inauguração da estátua do Cônsul Carlos Renaux - Inauguração do Centro Social Selma Wagner Renaux - IV Feira Industrial de Brusque - Jubileu de Ouro da IRESA - Visita embaixador alemão em Brusque | | |
| - Imagens diversas | <ul style="list-style-type: none"> - Natureza - Navios - Pontes | <ul style="list-style-type: none"> - Rios - Vapor Dinamarquês Kirsten - Otto - Cônsul Carlos Renaux - Vidal Ramos | |
| - Instituições | <ul style="list-style-type: none"> - Cultural - Educação - Entretenimento - Esportiva - Religiosa | <ul style="list-style-type: none"> - Museu Arquidiocesano Dom Joaquim / Museu Azambuja - Colégio Cônsul Carlos Renaux / Colégio Alberto Torres / Cônsul - Centro Evangélico - Sociedade Beneficente - Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque / Schutzen Verein / Clube de Atiradores - Clube Esportivo Paysandú / Paysandú - Sociedade Esportiva Bandeirantes / Bandeirantes - Tiro de Guerra - Igreja Adventista - Igreja de Azambuja | |

| | | | |
|---------------|---|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> - Saúde - Sindicato | <ul style="list-style-type: none"> - Igreja Evangélica de Confissão Luterana /Igreja Luterana - Matriz São Luiz Gonzaga / Matriz - Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux / Hospital Azambuja - Hospital e Maternidade Cônsul Carlos Renaux / Maternidade - Cooperativa Brusquense - Sindicato dos Trabalhadores | |
| - Local | <ul style="list-style-type: none"> - País - Estado - Cidade - Bairro - Rua | <ul style="list-style-type: none"> - Alemanha - Brasil - Santa Catarina - Blumenau - Brusque - Centro - Limoeiro - Primeiro de Maio - Santa Rita - Av. Cônsul Carlos Renaux - Rui Barbosa | |
| - Personagens | - Nome/ sobrenome/ apelido | <ul style="list-style-type: none"> - Annie Bauer - Arno Ristow - Augusta Carolina Ida Krieger - Augusto Bauer - Bernadete Mueller - Carl Petermann - Carlos Renaux - Christina Sophie Ludin Renaux - Carlos Renaux / Cônsul / Cônsul Carlos Renaux - Erich Walter Bueckmann - Eugene Rombach - Gabriela Renaux | |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | <ul style="list-style-type: none"> - Guilherme Renaux / Willy Renaux - Gustavo Schlösser - Ilca Renaux Niemayer - Ingo Arlindo Renaux - Johann Ludwig Renaux - Johanna von Schoenebeck - Lilian von Sant Georg - Lilly Aichinger - Marga Bueckmann Metz - Margit Bauer Wetzl - Maria Augusta Linaerts Renaux / Goucki - Maria Luiza Renaux / Bia Renaux - Maria Renaux Bueckmann - Marlene Schaeffer Petruschky - Max Rau - Odette S. Regla - Otto Renaux - Nereu Ramos - Pastor Lindolfo Weingärtner - Paulo Renaux - Rodolfo Pruner - Rodolfo Renaux Bauer - Rose Wetzl - Ruth Renaux Deeke - Selma Wagner Renaux - Sophia Renaux - Walter Bueckmann - Wilson Santos | |
|--|--|--|--|

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para poder explicar o Quadro 4, foi necessário criar uma nomenclatura demonstrativa para cada coluna. A coluna Categorias de Busca é a coluna que possui os filtros mais genéricos e abrangentes, compreendendo os assuntos macro. É a partir da escolha dos filtros dessa coluna, que outras opções de filtros mais específicos se abrirão, e assim, sucessivamente: no caso, para coluna Critérios A; depois para a coluna Critérios B; e por fim,

para a coluna Critérios C. Para cada clique, abre-se um leque de resultados, o que faz com que cada coluna, especifique cada vez mais o item da coluna anterior.

A primeira linha de filtros da tabela, compreende o filtro Busca Livre. Ali é permitido inserir qualquer palavra que se queira pesquisar, sem necessidade de recorrer a outros filtros mais específicos. Esse filtro torna-se essencial por ser um ‘coringa’, onde qualquer palavra pode ser digitada, sem conhecimento prévio dos outros filtros existentes. Funciona como a ‘busca simples’ de uma base de dados, não havendo necessidade de filtragem antecipada. Este é o único filtro do Quadro sem especificidade para outras colunas.

Os próximos filtros do quadro, são os que têm possibilidade de serem melhor especificados. O primeiro filtro, Ano, é subdividido nos Critérios Mês e Dia, e é melhor utilizado quando há espaços de preenchimento opcionais e não com datas pré-fixadas. Porém, o espaço de tempo específico estaria visível.

1891 2002

Ano a

Da mesma forma se comporiam os Critérios Mês e Dia. O espaço de tempo anteriormente apontado, 1891 a 2002, é o espaço de tempo compreendido entre a data mais antiga identificada e a mais atual encontrada.

No filtro Casas, estão listadas todas as residências identificadas nas imagens: Hospedaria de Johann Ludwig Renaux, Palacete Renaux, Villa Alma, Villa Ida, Villa Maria, Villa Renaux e Villa Sophia. Na época, as casas recebiam um ‘apelido’, que identificava seus proprietários.

No próximo filtro, Empresas, encontram-se as Empresas Renaux, subdivididas em três tipos de empreendimento: Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, Fecularia e Navios, e também se encontra a Tecelagem Roeder Karsten & Hadlich.

No filtro Eventos, estão listados os eventos identificados nas imagens. Um deles, Funeral, abriu-se para a coluna Critérios B, onde tem-se imagens do funeral de Cônsul Carlos Renaux. Já o Centenário de 1960, que teve diversas atrações, tem listado o Desfile de Moda e o Desfile Cívico. Os outros Eventos listados, até o momento, não possuem itens para a coluna Critérios B.

O filtro Imagens diversas compreende o conteúdo que até então mostra-se ‘isolado’. São imagens únicas em seu conteúdo ou que ainda não possui filtro macro determinado, podendo, ao longo do reconhecimento das imagens ainda não processadas, vir a encontrar

seus pares. Dessa forma, elas podem ser realocadas para um novo filtro a ser constituído que abrace o assunto específico. Vale ressaltar que, assim como a tabela arquivística, o quadro 4 é totalmente dinâmico e adaptável, pois novos filtros podem ser acrescentados em qualquer tempo, ampliando a visibilidade do conteúdo das fotografias.

No filtro seguinte, Instituições, estão listadas sete tipos de Instituições percebidas nas imagens, com cada uma acompanhada de subdivisões. Além de seus nomes oficiais, também estão presentes na tabela, em algumas dessas Instituições, os nomes pelos quais são popularmente conhecidas, o que facilita o reconhecimento na hora da pesquisa.

Na primeira Instituição, a Cultural, tem-se o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim; em Educação encontra-se o Colégio Cônsul Carlos Renaux; em Entretenimento, está o Centro Evangélico e a Sociedade Beneficente; na Esportiva, tem-se os Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque, o Clube Esportivo Paysandú, a Sociedade Esportiva Bandeirantes e o Tiro de Guerra; no item Saúde, tem-se os Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux e o Hospital e Maternidade Cônsul Carlos Renaux; em Sindicato, tem-se a Cooperativa Brusquense e o Sindicato dos Trabalhadores; e por último, no filtro Religiosa, encontra-se a Igreja Adventista, a Igreja de Azambuja, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana e a Igreja Matriz São Luiz Gonzaga.

No filtro Local, é possível conhecer os países, estados, cidades, bairros ou ruas, identificados nas fotografias.

O último filtro, Personagens, destaca as pessoas identificadas nas imagens, podendo-se utilizar para as buscas Nome, Sobrenome ou Apelido. Por exemplo, Guilherme Renaux, também era conhecido como Willy Renaux; Maria Augusta Linaerts Renaux, também era conhecida como Goucki. Dessa forma, o personagem pode ser encontrado tanto pelo seu nome real quanto pela variação.

Para exemplificar a tabela, vamos simular uma busca: o que se deseja recuperar é o Palacete Renaux.

A primeira busca seria na Coluna Categorias de Busca (coluna pré-fixada), no filtro Casas. Clicando nesse filtro, a coluna Critérios A se abriria na listagem de todas as casas conhecidas inseridas: Palacete Renaux, Villa Alma, Villa Ida, Villa Maria, Villa Renaux, Villa Sophia. A pessoa então, clica na ‘casa’ escolhida, que no caso da simulação é o Palacete Renaux, e todas as imagens que tiverem de alguma forma o Palacete Renaux como conteúdo, serão recuperadas. A Figura 16 abaixo, representa uma das 20 imagens que seriam recuperadas com a pesquisa simulada.

Figura 16 - Palacete de Cônsul Carlos Renaux



Fonte: Pergamum (2023).

Outras possibilidades de acesso a esta imagem, são a partir dos filtros Ano (caso a pessoa soubesse que a imagem é do ano 1931); Instituições – Religiosas - Igreja Evangélica de Confissão Luterana; Entretenimento – Centro Evangélico; Personagens – Nome/Sobrenome/Apelido – Cônsul Carlos Renaux; Local – País – Brasil; - Estado - Santa Catarina; – Cidade – Brusque; – Bairro – Centro; – Rua - Avenida Cônsul Carlos Renaux (nome atual da rua).

Essa imagem poderia ser encontrada ainda pelas buscas com as palavras-chave, na categoria Busca Livre, por qualquer uma das palavras ou seus nomes populares dos filtros acima citados, ou simplesmente escrevendo Palacete Renaux.

Para cada imagem, haverá também a história por trás de cada registro. É preciso contextualizar a imagem não só para aquele que não a identifica de imediato, mas também para que ela tenha um significado para quem a observa.

Levando em consideração que a imagem exemplificada é de 1931 e pode ser estranha à primeira vista para a maioria das pessoas, ela não é de todo desconhecida. Apesar das mudanças que aconteceram e 90 por cento já não é mais como a imagem mostra, olhando atentamente nota-se ao fundo a Igreja Luterana que continua a mesma até hoje e, apesar das construções substituídas, as duas ruas continuam no mesmo lugar “A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade.” (KOSSOY, 2012, p. 168).

Nesse sentido, Susan Sontag (1977, p. 16) faz uma ótima observação sobre a fotografia como testemunho de algo que já não está mais

Fotos fornecem testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. [...] Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu.

E é por isso que se chama documento. E por isso a importância do caminho percorrido até aqui: da importância de **Cônsul Carlos Renaux** para toda uma cidade; da **memória**, como essencial recurso do passado; dos **suportes** que ‘guardam’ a memória, e mais precisamente, a **fotografia** como um suporte da memória, comumente chamada de **documento** e que atesta o ocorrido; dos lugares físicos de memória, como os **Centros de Memória**, que acolhem e salvaguardam os documentos; da **digitalização** das fotografias e a importância da disponibilização em um ambiente virtual, um lugar digital de memória; e da necessidade de especificar o conteúdo dessas imagens em forma de **filtros**, para que quem as busque, encontre o que procura e além do que precisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] esses lugares [de memória] se tornam plenamente significativos quando seus leitores / usuários passam a se apropriar das informações ali guardadas. (CASTRO, 2006, p. 12)²⁶

Desvendar a fotografia, é desvendar a memória.

Entende-se que a criação de lugares físicos e digitais de memória, são esforços consideráveis e necessários na preservação e disseminação de documentos históricos. Porém, a perpetuação definitiva da memória, é o quanto as pessoas se importam com ela (memória). De nada vale manter lugares, sem o cuidado de fazê-los serem vistos, ouvidos e vividos. De nada vale digitalizar documentos, sem disseminá-los em plataformas acessíveis. E de nada vale disseminá-los sem o cuidado de detalhá-los, para que o buscador daquele conteúdo, saiba o que existe e encontre o que procura.

E partindo desse fundamento, esta pesquisa foi desenvolvida com a intenção de responder de que forma tecer filtros para um lugar digital de memória, que condissessem com o acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux. Amparada pela problemática, estabeleceu-se como objetivo geral a proposta de tecitura de filtros para um lugar digital de memória que possibilitasse o acesso ao acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux.

Primeiramente foi necessária uma breve apresentação sobre quem foi Cônsul Carlos Renaux e o porquê de sua importância, sendo este, o primeiro objetivo específico listado.

O segundo objetivo específico necessitou de uma imersão na literatura específica da área. Através da pesquisa, buscou-se investigar a memória e os diversos suportes do qual ela se vale, entre eles, a fotografia, foco desta pesquisa. A partir dessa investigação, percebeu-se a fotografia como um documento, que pode remeter a lembranças há muito esquecidas, ou o conhecimento de pessoas, objetos e lugares há muito perdidos. Contemplou ainda o esforço dos lugares físicos, como Bibliotecas e Centros de Memória, em manter e preservar a memória não só acondicionando e armazenando os documentos em mobiliário adequado, como também, na medida do possível, digitalizando seus acervos, sendo esta, mais uma forma de preservação e principalmente, de acesso.

²⁶ CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 4, p. 1-20, set. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/issue/view/222>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Para buscar suporte prático, identificou-se 7 lugares digitais de memórias, ambientes virtuais criados a partir da digitalização de acervos, os quais foram objeto da pesquisa documental. Analisou-se quais filtros de busca compõem esses lugares e listou-se todos em um quadro, juntamente com recursos funcionais excedentes encontrados. Conclui-se assim, o terceiro objetivo específico.

E para finalizar os objetivos específicos, apresentou-se o trabalho realizado no Centro de Memória UNIFEDE, mais especificamente voltado ao acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux. Exemplificou-se como está sendo o processamento técnico do acervo e sua disponibilização via catálogo eletrônico, bem como, a apresentação da tabela de descrição arquivística, adaptada ao acervo em questão.

Dessa forma, voltando à problemática e em resposta a ela, os quatro objetivos específicos possibilitaram o caminho para desenvolver o Quadro 4 - Filtros para um futuro lugar digital de memória do acervo fotográfico da Coleção Cônsul Carlos Renaux. Através de uma nova análise das fotografias da coleção, listou-se todos os assuntos, personagens, data mais antiga/mais atual, que possibilitasse visualizar de forma plena o que contém as fotografias da referida coleção. O que podemos encontrar e quem podemos encontrar. Essa listagem visou não só nomes oficiais de pessoas ou instituições, mas também, o nome pelos quais elas possam ser popularmente conhecidas.

Reescrevendo o que já foi dito na Introdução desta pesquisa, é preciso devolver à sociedade o que é próprio dela. Sendo assim, nada mais justo do que entregar de maneira que ela saiba o que eu tenho a oferecer. Não posso devolver algo que ela não entenda: é preciso que a sociedade tenha a compreensão e o entendimento sobre o que existe. Esta pesquisa está para além de Tesouros e diversos outros vocabulários controlados existentes: ela, no fundo, tem a proposta de uma forma usual de comunicação, ao mesmo tempo que elaborada e fundamentada cientificamente, de se conversar com a comunidade ou seja “mediar o encontro entre acervos e pessoas”. Tudo só fará sentido, se entendido e se usado.

E é nesse sentido que se faz a importância dos filtros listados no Quadro 4. É necessário afirmar que o valor de se ter o conhecimento daquilo que está sendo disponibilizado não só beneficia esta proponente, mas também todos aqueles que venham a buscar informação. Sou beneficiada no sentido de ser quem conhece o acervo e o que poderá encontrar neles, além de ser a ponte para o pesquisador ou comunidade. Mas também estes por si só, conseguirão investigar as fotografias através da visualização dos filtros disponíveis.

Pensando no tempo como fator determinante para conclusão desta pesquisa, não foi possível desenvolver um protótipo como exemplificador de um lugar digital de memória, em

que se pudesse estabelecer os filtros desenvolvidos e aplica-los em uma pesquisa de conteúdo das imagens. A falta de domínio nas técnicas de elaboração e construção do protótipo, foi outro elemento limitador para efetivação do lugar digital de memória.

Posso afirmar que a partir desse Quadro de Filtros, será feito o levantamento de todos os assuntos de todas as coleções que compõe o Centro de Memória. Para além ainda desta pesquisa, mas influenciada por ela, outra atividade já foi iniciada: a elaboração de fichas para cada um dos assuntos levantados. Cada ficha, desenvolvida no Word, é composta por nome, endereço (no caso de casas, instituições ou edificações) e a sua respectiva história. Essas fichas são importantes na contextualização dos assuntos que emergem das fotografias, possibilitando um entendimento e conhecimento da história. Esse é mais um importante passo não só para o para o Centro de Memória, mas também necessário para um lugar digital de memória.

Outro projeto intencionado é selecionar fotografias antigas de Brusque existentes no Centro de Memória, que contenham em seu teor partes da cidade não mais existentes, e levar essas imagens até o local exato de sua captura, e fotografá-las junto a nova realidade, fazendo a comparação do antes e do agora.

Outra ideia, talvez ousada, é a recriação do centro da cidade de Brusque em um vídeo, a partir das fotografias existentes no Centro de Memória UNIFEBE juntamente com imagens que deverão ser buscadas em outros lugares para completar possíveis lacunas de anos que o acervo possa não contemplar. Poder visualizar em uma linha do tempo a evolução do centro da cidade, é perceber as mudanças que nós muitas vezes não damos conta, além de ser um legado de dinamização da própria cidade.

Tenho como princípio que, se o Bibliotecário não sabe responder uma questão, ele vai proporcionar o caminho para que aquele que perguntou, possa descobrir. Dessa forma, eu, como Bibliotecária, posso dar as condições necessárias para quem for pesquisar, encontrar o que procura. Sendo assim, a forma com que se entrega algo é parte fundamental para o reconhecimento e entendimento do objeto investigado.

Em um dos vídeos²⁷ propostos na disciplina de Metodologia, a professora Lica Hashimoto ao explicar sobre técnicas de leitura, explica sobre o ponto final na cultura japonesa. Ao contrário do nosso ponto final, que consta de uma bolinha preenchida, o ponto final japonês é um círculo não preenchido (semelhante a letra o), pois não há o acabar, concluir: não se fecha uma história, pois ela pode continuar a qualquer momento. E é assim

²⁷ Métodos de leitura (aula 2, parte 3). Canal USP. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2iHJpvWkfbU>. Acesso em: 14 jun. 2023.

que me sinto em relação ao meu trabalho: esta dissertação termina, mas não o trabalho do qual ela se vale. Isso mostra quão dinâmica é a memória, além de estar em constante movimento. A memória (e o tempo!) não para.

E para finalizar esta escrita, gostaria de fazer um convite: que folheiem seus próprios álbuns de fotografias; que procurem as imagens não reveladas mas salvas em algum dispositivo e, focadas nelas, deixem vir à tona tudo o que a fotografia tem a dizer sobre aquele instante capturado. Pensem ainda sobre a memória mais antiga que cada um tenha, e volte naquele instante. Converse com pessoas que participaram das memórias e das capturas e pergunte mais sobre aquele momento. Lembre, registre, salve.

Quem somos nós, senão fruto daqueles que vieram antes de nós?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Isledna Rodrigues de; OLIVEIRA, Bernardina Maria J. F. de; ROSA, Maria Nilza Barbosa. Repositórios digitais como espaços memória e disseminação de informação. **Informação em Pauta**, v. 4, n. especial, p. 117-131, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/42609>. Acesso em: 20 maio 2022.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018. Disponível em: https://issuu.com/bibliotecadigital-esramada/docs/o_que__ci_ncia_da_informa__o. Acesso em: 27 abr. 2022.
- ARIZA, Augusto Solórzano; TAMAYO, Luis Carlos Toro; ECHAVARRÍA, Juan Camilo Vallejo. Memoria fotográfica: la imagen como recuerdo y documento histórico. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v. 40, n. 1, p. 73-84, ene./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/RIB/article/view/27089/20784094>. Acesso em: 02 jun. 2023.
- ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <https://simagestao.com.br/wp-content/uploads/2016/01/Dicionario-de-terminologia-arquivistica.pdf>. Acesso em: 18 maio 2022.
- ASCOM. **O que é o programa memória do mundo?** 23 jun. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/assuntos/noticias/o-que-e-o-programa-memoria-do-mundo>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- ATKINSON, Rita L. *et al.* **Introdução à psicologia de Hilgard**. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BACHIMONT, Bruno. A memória e o digital: por uma hermenêutica dos rastros. In: PIMENTA, Ricardo M.; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; RANGEL, Thayron Rodrigues (org.). **Informação e memória: perspectivas em movimento**. Rio de Janeiro: IBICT, 2021. p. 77-94.
- BAPTISTELLA, Ana Paula *et al.* **Pesquisa qualitativa e quantitativa**. 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/jlpaesjr/pesquisa-qualitativa-e-quantitativa>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- BELLOTTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BIBLIOTECA DIGITAL DEL PATRIMONIO IBEROAMERICANO. **O livre acesso ao patrimônio cultural digital da América Latina**. Disponível em: <http://www.iberioamericadigital.net/BDPI/Inicio.do>. Acesso em: 05 set. 2022.
- BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 05 set. 2022.

BIBLIOTECA VIRTUAL OSWALDO CRUZ. Disponível em:
<http://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php>. Acesso em: 01 set. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2015.

BRASILIANA FOTOGRAFICA. Disponível em:
https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?page_id=96. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRUSQUE MEMÓRIA. **A história fotográfica de Brusque na Internet**. Disponível em:
<https://www.brusquememoria.com.br/>. Acesso em: 01 set. 2022.

CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999. *In*: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1999. 49-63.

CARLI, Deneide Teresinha. O documento histórico como fonte de preservação da memória. **Ágora**, v. 23, n. 47, p. 183-197, 2013. Disponível em:
<https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/454>. Acesso em: 18 maio 2022.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite a filosofia**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CONARQ. **Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes**. 2010. Disponível em:
http://conarq.gov.br/images/publicacoes_textos/Recomendacoes_digitalizacao_completa.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAD (G): norma geral internacional de descrição arquivística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. Disponível em:
https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/isad_g_2001.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Manual de gestão de memória do poder judiciário**. Brasília: CNJ, 2021. Disponível em: https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2021/02/Manual_de_Gestao_de_Memoria.pdf. Acesso em: 26 abr. 2022.

DODEBEI, Vera. Cultura digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? **DataGramZero**, v. 12, n. 2, 2011. Disponível em:
<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/7335>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DODEBEI, Vera. Memória do conhecimento: em busca de sustentabilidade para os objetos digitais. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 1, 2014. Disponível em:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/18436>. Acesso em: 28 abr. 2022.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed., rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2006.

FENERICK, Gabriele Maris Pereira. **Representação descritiva: catalogação**. Batatais: Claretiano, 2018.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política**, Florianópolis, v. 3, n. 4, p. 137-166, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2004>. Acesso em: 13 ago. 2022.

GLATZ, Rosemari. 75 anos do falecimento do Cônsul Carlos Renaux e seu legado. **Notícias de Vicente Só**, Brusque, v. 19, n. 68, p. 7-39, 2021.

GLATZ, Rosemari. **Brusque, os 60 e os 160: elementos da nossa história**. Brusque: UNIFEBE, 2018.

GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017.

GOMES, Samir Hernandes Tenório. Digitalização e indexação do acervo fotográfico da biblioteca do museu ferroviário de Bauru. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, n. Especial, p. 563-581, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/40358>. Acesso em: 10 maio 2023.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Revista Morpheus**, Edição Especial, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf. Acesso em: 03 maio 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HEDGECOE, John. **O novo manual de fotografia**. 4. ed., rev. e atual. São Paulo: SENAC, 2005.

JESUS, Mirleno Livio Monteiro de; SOLEDADE, Pablo; TOUTAIN, Lúcia Maria Batista Brandão. A informação como substrato da vida: memória e contra-esquecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, XIX, 2018, Londrina, **Anais**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. P. 6100-6118. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/115. Acesso em: 23 fev. 2023.

JORENTE, Maria José; SILVA, Anahi Rocha; PIMENTA, Ricardo Medeiros. Cultura, memória e curadoria digital na plataforma SNIIC. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 122-139, maio 2015. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3637>. Acesso em: 28 maio 2022.

KANDEL, Eric R. *et al.* **Princípios de neurociências**. 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed., ampl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

LIBRARY OF CONGRESS. Disponível em: <https://www.loc.gov/>. Acesso em: 01 set. 2022.

MALVERDES, André; LOPEZ, André Porto Ancona. Patrimônio fotográfico e os espaços de memória no Espírito Santo. **Ponto de Acesso**, v. 10, n. 2, p. 59-80, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/14004>. Acesso em: 05 maio 2023.

MARTINS, Dalton Lopes; DIAS, Calíope Víctor Spíndola de Miranda. Acervos digitais: perspectivas, desafios e oportunidades para as instituições de memória do Brasil. **Panorama Setorial da Internet**, n. 3, ano 11, p. 1-16, set. 2019. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/18151020190930-ano-xi-n-3-acervos-digitais.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2022.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva: texto lembra que o esquecimento da tragédia, que poderia representar alívio, só acontecerá no futuro. **Jornal da UNICAMP**. 27. maio 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MOSTAFA, Solange Puntel. Entrevista: Eduardo Ismael Murguia. **INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 164-184, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/issue/view/6488>. Acesso em: 23 jun. 2023.

MOURA, Eda Maria Bastos de; CAMPOS, Linair Maria. A preservação dos documentos históricos em ambientes digitais. **Revista Brasileira de Preservação Digital**, Campinas, v. 1, p. 1-13, nov. 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rebpred/article/view/13858/9820>. Acesso em: 26 ago. 2022.

MUSEU PORTÁTIL. **Manual prático para a digitalização de acervos para difusão digital**. 2022. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6a/Museu_Portatil_Edi%C3%A7%C3%A3o_de_Bolso_Manual_2022.pdf. Acesso em: 02 set. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 07-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 08 fev. 2022.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 2018.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis, FCC, 2014.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

PALACIN, Vitché. **Fotografia: teoria e prática**. São Paulo: Saraiva, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 21 maio 2022.

RENAUX, Maria Luiza. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. 2. ed. Florianópolis: Instituto Carl Hoepcke, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: UNICAMP, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev., e atual. São Paulo, Cortez, 2013.

SIEBRA, Sandra de Albuquerque; BORBA, Vildeane da Rocha (org.). **Preservação digital e suas facetas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. *E-book*. Disponível em: http://www.liber.ufpe.br/nova/wp-content/uploads/2021/06/Ebook_Preservac%CC%A7a%CC%83o_Digital.pdf. Acesso em: 03 jan. 2022.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-79CMVL/1/mestrado___fabr_cio_jos___nascimento_da_silveira.pdf. Acesso em: 19 ago. 2022.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**. São Paulo, n. 6, p. 14-18, maio 2003. Disponível em: http://fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57. Acesso em: 07 maio 2022.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

THE NATIONAL LIBRARY OF ISRAEL. Disponível em: <https://www.nli.org.il/en>. Acesso em: 05 set. 2022.

TOMASEVICIUS FILHO, Eduardo. **A proteção do patrimônio cultural brasileiro pelo Direito Civil**. São Paulo: Almedina, 2020. *E-book*. Acesso restritivo a Minha Biblioteca. Acesso em: 28 ago. 2021.

UNIFEBE. **Parceria entre UNIFEBE e casa Renaux preserva a história de Brusque**. 25 jul. 2017. Disponível em: <https://www.unifebe.edu.br/site/noticia/parceria-entre-unifebe-e-casa-renaux-preserva-a-historia-de-brusque/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

APÊNDICE A – TABELA ARQUIVÍSTICA DO CENTRO DE MEMÓRIA UNIFEBE

| CR00.00.00.00.00000 | | | |
|---------------------|----------------------|---|----------------------------|
| FUNÇÃO | SÉRIE | SUBSÉRIE | DOSSIÊ |
| 01 PESSOAL | 01 DOC PESSOAL | 01 ALEMANHA 02 BRASIL | 01 BRUSQUE |
| | 02 CORRESPONDÊNCIA | | |
| | 03 PESSOAS | | |
| | 04 EVENTOS SOCIAIS | | |
| | 05 PATRIMÔNIO | | |
| | 06 FILANTROPIA | | |
| | 07 IMAGENS LOCAIS | | |
| | 08 FAMÍLIA | | |
| | | | |
| 02 PROFISSIONAL | 01 DOC PROFISSIONAIS | 01 CALCÁRIO 02 FÁBRICAS 03 NAVIOS 04 AÇÕES 05 LOJAS | 01 FECULARIA 02 TECIDOS |
| | 02 EMPREGOS | | |
| | 03 POLÍTICA | | |
| | 04 PATRIMÔNIO | | |
| | 05 IMAGENS | | |
| | | | |
| 03 PÓS-MORTE | 01 FUNERAL | 01 CÔNSUL CARLOS RENAUX | |
| | 02 IN MEMORIUM | 01 CÔNSUL CARLOS RENAUX | |
| | | | |
| 04 INSTITUIÇÕES | 01 RELIGIOSA | 01 MATRIZ 02 LUTERANA 03 AZAMBUJA | |
| | 02 EDUCAÇÃO | | |
| | 03 SAÚDE | 01 MATERNIDADE 02 HOSPITAL AZAMBUJA | |
| | 04 ENTRETENIMENTO | | |
| | 05 ESPORTIVA | | |
| | 06 SINDICATO | | |
| | | | |

| | | | |
|---------------|-----------|-----------|--|
| 05 CULTURA | 01 MÚSICA | 01 DISCOS | |
|---------------|-----------|-----------|--|